



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - BODOCONGÓ
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
MESTRADO EM ODONTOLOGIA**

JALBER ALMEIDA DOS SANTOS

***BULLYING*: PREVALÊNCIA, TIPOS E OCORRÊNCIA DE LESÕES MAXILOFACIAIS EM
ESCOLARES DE 13 A 17 ANOS DE CAMPINA GRANDE-PB**

CAMPINA GRANDE – PB

2011

JALBER ALMEIDA DOS SANTOS

***BULLYING*: PREVALÊNCIA, TIPOS E OCORRÊNCIA DE LESÕES MAXILOFACIAIS EM
ESCOLARES DE 13 A 17 ANOS DE CAMPINA GRANDE-PB**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Leite Cavalcanti

Co-orientador: Prof. Dr. Saul Martins Paiva

CAMPINA GRANDE – PB

2011

JALBER ALMEIDA DOS SANTOS

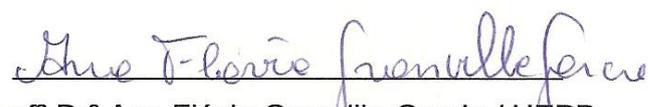
**BULLYING: PREVALÊNCIA, TIPOS E OCORRÊNCIA DE LESÕES
MAXILOFACIAIS EM ESCOLARES DE 13 A 17 ANOS DE CAMPINA GRANDE-PB**

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Odontologia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em / /2011.



Prof Dr Alessandro Leite Cavalcanti / UEPB
Orientador



Profª Drª Ana Flávia Granville-Garcia / UEPB
Examinadora



Prof Dr Saul Martins Paiva / UFMG
Examinador

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, João Felinto e Maria do Carmo, pelo amor, carinho, incentivo,..., por fazer quem eu sou.

A minha noiva, Maria Karla, pelo amor e dedicação, por estar presente na minha vida me dando força e incentivo nos momentos mais difíceis,

A meu irmão João Paulo, a sua esposa Karla e a meu sobrinho Heitor, que mesmo distantes transmitiram apoio e força,

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me conceder o dom da perseverança e que me guiou e orientou em todas as decisões que tive que tomar.

Ao meu orientador Alessandro Leite Cavalcanti, por abrir as portas para o mundo acadêmico, além, dos valiosos ensinamentos, disponibilidade, profissionalismo, amizade e de participar de todas as etapas na construção desse estudo.

Ao Programa de Pós-graduação em Odontologia da UEPB que generosamente me acolheu e contribuiu para ampliação dos meus conhecimentos científicos

Aos professores do Mestrado em Odontologia da UEPB que contribuíram de forma significativa para o engrandecimento científico.

Ao professor Saul Martins Paiva pela atenção e disponibilidade.

Agradeço à minha família, principalmente, a minha avó Dalva Almeida, as minhas tias Renata, Céu, Consuelo e a meu primo Thiago Augustus pelo apoio, compreensão, incentivo e carinho.

Aos colegas de turma pelos momentos de amizade e companheirismo.

À CAPES pelo apoio financeiro.

Aos amigos Thiago Maciel, Dmitry, Baduíno Junior, Rodrigo Canto, Diógenes, Diogo e Thiago Santos por apoiar e dar força nos momentos certos e incertos dessa árdua caminhada.

Aos estudantes da rede municipal de ensino de Campina Grande, pela colaboração, disponibilidade e gentileza, fornecendo informações essenciais para construção do saber.

É graça divina começar bem.
Graça maior persistir na caminhada certa.
Mas a graça das graças é não desistir nunca.
(Dom Hélder Câmara).

RESUMO¹

Objetivo: Verificar a prevalência e os tipos de *bullying*, além, da ocorrência de lesões maxilofaciais nas vítimas de *bullying* por agressão física em escolares de 13 a 17 anos da rede municipal de ensino de Campina Grande-PB, bem como, analisar os fatores associados. **Metodologia:** Utilizou-se a amostragem aleatória simples para a seleção dos 525 escolares de 14 escolas municipais do 3º e 4º ciclos. A coleta de dados foi realizada por um único pesquisador, utilizando como instrumentos de pesquisa o questionário sobre *bullying* Modelo TMR (*Training and Mobility on Research*) e um formulário específico para lesões no complexo maxilofacial. Considerou-se como vítimas de *bullying* os alunos que admitiram sofrer esse tipo de violência por 3 ou mais vezes no ano da coleta. Os dados foram armazenados no SPSS e analisados por meio da estatística descritiva e analítica, através dos testes Qui-quadrado de Pearson e Exato de Fisher ($p < 0,05$). **Resultados:** A média de idade dos escolares foi de 14,22 anos ($\pm 1,14$), sendo 54,1% do gênero feminino. Dentre os pesquisados, 23,6% foram caracterizados como vítimas de *bullying*, com a maioria de 14 anos de idade (27,3%), do gênero masculino (31,5%), do 7º ano de escolaridade (25,3%), com 4 ou 5 bons amigos na turma (27,1%), não existindo diferença de envolvimento entre os turnos escolar analisados (manhã e tarde). Houve associação entre o gênero do escolar e a ocorrência de *bullying* ($p < 0,001$). O tipo de *bullying* mais prevalente foi o verbal (87,7%), seguido do relacional (37,7%) e do físico (19,7%). As vítimas reportaram sofrer agressões físicas em 18,0% dos casos e os empurrões se configuraram como as principais formas de agressão (72,7%). Com relação ao local do corpo atingido, lesões na face representaram 36,4%, dentre estas, 50,0% atingiram a cavidade oral com 100% de envolvimento de tecido mole, sendo os lábios as regiões mais acometidas (50,0%). **Conclusão:** Conclui-se ser elevada a prevalência de *bullying*, com os meninos constituindo-se nas principais vítimas, predominando o *bullying* do tipo verbal. Os empurrões foram a principal forma de agressão, sendo a face a região do complexo maxilofacial mais atingida.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Adolescentes. Epidemiologia. Traumatismos maxilofaciais.

¹Este capítulo foi construído observada a NBR 6028 Informação e documentação – resumo: apresentação de novembro de 2003.

ABSTRACT

Objective: To investigate the prevalence and types of bullying, in addition, the incidence of maxillofacial injuries in victims of bullying by physical aggression in schoolchildren from 13 to 17 years of municipal schools in Campina Grande-PB, as well as analyze associated factors. **Methodology:** It was used simple random sampling for the selection of 525 schoolchildren from 14 public schools in the 3rd and 4th cycles. Data collection was performed by a single researcher using the TMR (Training and Mobility on Research) model questionnaire on bullying and a specific questionnaire for injuries of the maxillofacial complex. Were considered as victims of bullying students who admitted to suffer this kind of violence three or more times in the year of data collection. The data were stored in SPSS and analyzed using descriptive and analytics statistics through the chi-square and Fisher's exact tests ($p < 0.05$). **Results:** The average age of students was 14.22 years (± 1.14), 54.1% female. Among those surveyed, 23.6% were characterized as victims of bullying, most of them with 14 years of age (27.3%), male (31.5%), the 7th year (25.3%), with 4 or 5 good friends in class (27.1%), with no difference in involvement between the analyzed school shifts (morning and afternoon). There was an association between gender and the occurrence of school bullying ($p < 0.001$). The most prevalent type of bullying was verbal (87.7%), followed by relational (37.7%) and physical (19.7%). The victims reported suffering physical abuse in 18.0% of cases and the jerks appeared as the main form of aggression (72.7%). Regarding the affected location of the body, face injuries accounted for 36.4%, among these, 50.0% reached the oral cavity with 100% involvement of soft tissue, and lips regions were the most affected (50.0%). **Conclusion:** It is concluded that there is a high prevalence of bullying, with boys constituting the main victims, the predominant type is the verbal bullying. The jerks were the main form of aggression, being the face the most affected region of maxillofacial complex.

KEYWORDS: Bullying. Adolescent. Epidemiology. Maxillofacial Injuries.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 – Localização geográfica da cidade de Campina Grande..... | 31 |
| QUADRO 1 – Tipos e descrição das variáveis estudadas..... | 36 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|--------------------|---|----|
| TABELA 1 – | Avaliação do perfil dos pesquisados segundo a idade, gênero, o ano escolar, o turno e a escola..... | 39 |
| TABELA 2 – | Distribuição dos pesquisados segundo quantidade de bons amigos na turma, frequência do <i>bullying</i> , vítimas de <i>bullying</i> , maneiras e tipos de <i>bullying</i> | 41 |
| TABELA 3 – | Distribuição das vítimas de <i>bullying</i> segundo a duração do <i>bullying</i> , a quantidade e o gênero dos agressores..... | 42 |
| TABELA 4 – | Distribuição das vítimas de <i>bullying</i> segundo sentimentos, reações e relato após as agressões..... | 43 |
| TABELA 5 – | Distribuição das vítimas de <i>bullying</i> segundo tentativa por parte de professores, familiares e colegas para impedir as agressões..... | 44 |
| TABELA 6 – | Distribuição das vítimas de <i>bullying</i> por agressão física segundo as questões relacionadas às lesões maxilofaciais..... | 45 |
| TABELA 7 – | Avaliação da duração do <i>bullying</i> , da quantidade e do gênero dos agressores segundo o gênero..... | 47 |
| TABELA 8 – | Avaliação das vítimas de <i>bullying</i> segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma..... | 48 |
| TABELA 9 – | Avaliação do <i>bullying</i> físico segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma..... | 49 |
| TABELA 10 – | Avaliação do <i>bullying</i> verbal segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma..... | 50 |
| TABELA 11 – | Avaliação do <i>bullying</i> relacional segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma..... | 51 |
| TABELA 12 – | Avaliação das vítimas de <i>bullying</i> por agressão física segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma..... | 52 |
| TABELA 13 – | Avaliação do local do corpo atingido e forma de agressão segundo o gênero das vítimas de <i>bullying</i> por agressão física | 53 |
| TABELA 14 – | Avaliação do local do corpo atingido e forma de agressão segundo a idade das vítimas de <i>bullying</i> por agressão física. | 54 |

SUMÁRIO

| | | |
|------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | REVISÃO DA LITERATURA | 15 |
| 2.1 | Conceituando o <i>bullying</i> | 15 |
| 2.2 | Classificação dos personagens envolvidos em situações de <i>bullying</i> | 16 |
| 2.3 | Tipos de <i>bullying</i> | 16 |
| 2.4 | Estudos epidemiológicos internacionais de envolvimento em situações de <i>bullying</i> | 18 |
| 2.5 | Estudos epidemiológicos nacionais de envolvimento em situações de <i>bullying</i> | 25 |
| 3 | OBJETIVOS | 29 |
| 3.1 | Objetivo geral..... | 29 |
| 3.2 | Objetivos específicos..... | 29 |
| 4 | METODOLOGIA | 31 |
| 4.1 | Local do estudo..... | 31 |
| 4.2 | População do estudo..... | 32 |
| 4.3 | Procedimento amostral..... | 32 |
| 4.4 | Critérios de inclusão..... | 33 |
| 4.5 | Desenho do estudo..... | 33 |
| 4.6 | Aspectos éticos..... | 33 |
| 4.7 | Instrumento de pesquisa..... | 34 |
| 4.8 | Estudo piloto e teste reteste do instrumento..... | 34 |
| 4.9 | Coleta de dados..... | 35 |
| 4.10 | Variáveis..... | 36 |
| 4.11 | Análise estatística..... | 37 |
| 5 | RESULTADOS | 39 |
| 6 | DISCUSSÃO | 55 |
| 7 | CONCLUSÕES | 64 |
| | REFERÊNCIAS | 66 |
| | APÊNDICES | |
| | ANEXOS | |

1. INTRODUÇÃO²

A escola, multifacetada, vem presenciando situações de violência que estão tomando proporções assustadoras nas sociedades. Essas agressões, anteriormente esporádicas, se tornaram uma constante nos dias atuais (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009).

A violência representa uma ameaça à saúde pública e ao processo educacional (ensino-aprendizagem), ocasionando consequências a curto e a longo prazo na vida do indivíduo (ALMEIDA; SILVA; CAMPOS, 2008). Trata-se de um fenômeno multicausal que possui forte correlação com desigualdades econômicas e socioculturais, mas também se relaciona com aspectos subjetivos e comportamentais vigentes em cada sociedade (MALTA *et al.*, 2010b).

O termo “violência escolar” corresponde a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, dentre outros (LOPES NETO, 2005). Essas ações podem ocorrer dentro ou fora das escolas, e entre as diferentes díades (ou seja, aluno-aluno, professor-aluno, aluno-professor). De modo semelhante, funcionários da escola, ex-alunos e outras pessoas que não pertencem à escola podem ser envolvidos, quer como vítimas quer como agressores (CARVALHOSA; MOLEIRO; SALES, 2009). Segundo Cavalcanti (2009) a criança e o adolescente são mais suscetíveis a situações violentas com as quais convivem em seu meio, quer seja ele social ou escolar.

Dentre as diversas formas de violência escolar, o *bullying* vem sendo amplamente divulgado nos últimos anos nos diferentes meios de comunicação e na sociedade, devido as suas graves consequências e ao elevado número de alunos envolvidos. Segundo Olweus (1993) um estudante é vítima de *bullying* ou vitimizado quando ele ou ela é exposto(a), repetidamente e por longo tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos. Insultos, intimidações, apelidos, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam e ridicularizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de injúrias físicas, danos morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento de *bullying* (FANTE, 2005).

²Este capítulo foi construído observadas as NBR's 6024 Informação e documentação - numeração progressiva das seções de um documento escrito: Apresentação, de maio de 2003; 10520 –

Apresentação de citações em documentos, de 2002; 14724 – Apresentação de trabalhos acadêmicos de abril de 2011.

O envolvimento em situações de *bullying* pode ter consequências altamente negativas para a saúde mental e o bem-estar de crianças e adolescentes. Em geral, cometer *bullying* contra outros é mais fortemente associado com a externalização de problemas, enquanto ser vítima relaciona-se com a internalização de sintomas (PERREN *et al.*, 2010).

Esse tipo de violência nas escolas não pode ser considerado como parte do desenvolvimento comum ou normal de crianças e adolescentes. Um clima de violência terá consequências bastante negativas desde a perspectiva do desenvolvimento psicológico, social e intelectual, assim como na obtenção de uma hierarquia de valores para todos os sujeitos envolvidos com a violência (direta ou indireta) (RODRÍGUEZ PIEDRA; SEOANE LAGO; PEDREIRA MASSA, 2006).

O *bullying* é considerado um problema mundial de saúde pública e social que exige uma intervenção a nível populacional. Há uma crescente necessidade de intensificar a colaboração internacional para a pesquisa e desenvolvimento, bem como, para a avaliação de estratégias de prevenção e redução desse problema (CRAIG *et al.*, 2009; MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

As escolas devem procurar identificar a sua ocorrência e outras formas de violência nas relações interpessoais, visando a sua eliminação, como também, incorporar ações de prevenção (MALTA *et al.*, 2010a). Nessa tarefa, necessita-se de um esforço multidisciplinar, envolvendo pais, professores, funcionários da escola, médicos e especialistas em saúde mental (LAMB; PEPLER; CRAIG, 2009).

Há duas décadas vários foram os trabalhos de cunho científico que abordaram o referido tema na literatura internacional. Entretanto, em muitos países, apenas a poucos anos o *bullying* tem sido estudo através de pesquisas, como também, recebido atenção por parte da sociedade (KYRIAKIDES; KALOYIROU; LINDSAY, 2006). Como exemplo desse fato, pode-se citar o Brasil, no qual esse fenômeno é estudado há pouco tempo e escassos são os levantamentos epidemiológicos. Uma possível razão para este atraso pode ser o caráter multidimensional desse fenômeno, que propiciou uma série de restrições na sua definição e mensuração (KYRIAKIDES; KALOYIROU; LINDSAY, 2006).

A violência física é uma das principais etiologias dos traumas no complexo maxilofacial em crianças e/ou adolescentes (CAVALCANTI; MELO, 2008; CARVALHO *et al.*, 2010; LELES *et al.*, 2010; OLIVEIRA; MELLO JORGE, 2008;

RAHMAN *et al.*, 2007). Diante disso, e agregado aos resultados obtidos por Cavalcanti (2009), que observou ser elevado a existência de lesões nas regiões da cabeça e face (69,1%) em crianças e adolescentes vítimas de violência física escolar, idealizou-se analisar esses tipos de injúrias em estudantes alvos de uma forma peculiar de violência, no caso, o *bullying*.

Face à importância do tema, aliado a ausência de estudos nacionais e internacionais, o objetivo do presente trabalho é o de verificar a prevalência e os tipos de *bullying*, além, da existência de lesões maxilofaciais nas vítimas de *bullying* por agressão física em escolares de 13 a 17 anos da rede municipal de ensino de Campina Grande-PB, bem como, analisar os fatores associados.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Conceituando o *bullying*

A palavra *bullying* é pouco conhecida apesar de sua definição ser bem compreendida por estar presente em algum momento de nossas vidas e tratar-se de uma forma de violência (ALMEIDA; SILVA; CAMPOS, 2008).

O *bullying* é um comportamento comum entre jovens de idade escolar e está associado com pior ajustamento psicossocial (NANSEL *et al.*, 2003). Esse termo compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivações evidentes, adotadas por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e humilhação, e executadas dentro de uma relação desigual de poder (CRUZEIRO *et al.*, 2008; FANTE, 2005; LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008; NANSEL *et al.*, 2001). São três os elementos cruciais para a caracterização do *bullying* e compreendem: a repetição, a intenção de causar danos e a desigualdade de poder (NANSEL *et al.*, 2001).

Outro conceito presente na literatura é de que se trata de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores como pelos pais (LOPES NETO, 2005). É considerado como um fenômeno antigo, porém, nos últimos anos tem crescido o número de estudos mais aprofundados no assunto (PIZARRO; JIMÉNEZ, 2007).

Descrito como um estressante psicossocial aos adolescentes, o *bullying* emerge com ações discriminatórias e práticas frequentes de violência no cotidiano escolar, tratando-se de um tipo de exclusão social capaz de oprimir, intimidar e machucar. A origem pode estar em um apelido de mau gosto, em ameaças de agressão ou simplesmente em atitudes de desprezo, onde a escola, um importante agente socializador para o adolescente, pode vir a tornar-se um “campo inimigo” para o mesmo, e levá-lo a ser ridicularizado pelo grupo e conseqüentemente torná-lo mais frágil (OLIVEIRA; ANTONIO, 2006).

O *bullying* é um fenômeno social que transcende o gênero, a idade e a cultura. Embora haja grandes variações na definição do termo, é essencialmente caracterizado pela agressão de um indivíduo ou vários contra pares vulneráveis,

principalmente, para afirmar o controle ou poder (SANSONE; SANSONE, 2008). Esse tipo de violência pode apresentar diversas formas, podendo ocorrer no ambiente familiar, no local de trabalho, ou em qualquer outro lugar, como também, em qualquer idade (LAMB; PEPLER; CRAIG, 2009).

2.2 Classificação dos personagens envolvidos em situações de *bullying*

Qualquer comportamento de *bullying* é manifestado por alguém (um indivíduo ou um grupo) e tem como alvo outro indivíduo. Nesse contexto, encontra-se sempre subjacente o envolvimento ativo de, pelo menos, dois sujeitos, aquele que agride (o agressor) e aquele que é vitimizado (a vítima) (SEIXAS, 2005).

Os personagens do *bullying* podem ser classificados de acordo com o papel desempenhado: ativo (*bullies*), passivo (*victims*), ativo/passivo (*bullies/victims*) e neutros ou autores, alvos, autores/alvos e testemunhas. Existem alguns riscos que norteiam esses personagens para manifestação do *bullying*, relacionados aos fatores intrínsecos e extrínsecos à pessoa (ALMEIDA; SILVA; CAMPOS, 2008).

A classificação do *bullying* utilizada pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência) está relacionada com o papel desempenhado pelos alunos (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008). De acordo com esse desempenho, os indivíduos com envolvimento nesse tipo de violência podem ser classificados em:

- a) Alvos de *bullying*: alunos que sofreram *bullying*;
- b) Alvos/autores de *bullying*: alunos que ora sofrem, ora praticam *bullying*;
- c) Autores de *bullying*: alunos que praticam *bullying*;
- d) Testemunhas de *bullying*: alunos que não sofrem nem praticam *bullying*, mas convivem em um ambiente onde isso ocorre.

2.3 Tipos de *bullying*

A literatura é divergente em relação à classificação dos distintos tipos de *bullying*, porém, vários autores (GARCIA CONTINENTE; PÉREZ GIMÉNEZ; NEBOT ADELL, 2010; SCHEITHAUER *et al.*, 2008; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009; WANG; NANSEL; IANNOTTI, 2011) convergem para a seguinte categorização:

- a) Físico: Neste tipo, estão incluídas às diversas formas de agressões físicas (empurrões, socos, chutes, agressões com objetos) e danos materiais (OLWEUS, 1993; RODRÍGUEZ PIEDRA; SEOANE LAGO; PEDREIRA MASSA, 2006; SCHEITHAUER *et al.*, 2008; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009; WANG; NANSEL; IANNOTTI, 2011).
- b) Verbal: Encontram-se presentes as ações como colocar apelidos, insultar, ridicularizar, ameaçar, responder com maus modos e fazer comentários racistas e religiosos (OLWEUS, 1993; RODRÍGUEZ PIEDRA; SEOANE LAGO; PEDREIRA MASSA, 2006; SCHEITHAUER *et al.*, 2008; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009; WANG; NANSEL; IANNOTTI, 2011).
- c) Relacional: Compreendem as agressões através de propagação de rumores e a exclusão ou o isolamento social. (RODRÍGUEZ PIEDRA; SEOANE LAGO; PEDREIRA MASSA, 2006; SCHEITHAUER *et al.*, 2008; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009; WANG; NANSEL; IANNOTTI, 2011).

Com o avanço tecnológico surgiram novas formas de *bullying*, as quais envolvem o uso da Internet e mensagens de texto a fim de difundir, de forma avassaladora, a difamação e a calúnia. Este tipo de *bullying* é conhecido como *cyberbullying* (ALMEIDA; SILVA; CAMPOS, 2008; PERREN *et al.*, 2010; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009).

O *bullying* pode também ser classificado como direto e indireto (OLWEUS, 1993; LAMB; PEPLER; CRAIG, 2009):

- a) Direto: É uma expressão evidente de poder que inclui formas de agressão física (empurrar, bater e chutar) e verbal (insultos, apelidos, perseguição racial ou sexual).
- b) Indireto: É a manipulação das relações sociais com objetivo de causar danos através de ações como as de espalhar boatos ou fofocas ou pela exclusão social do indivíduo.

2.4 Estudos epidemiológicos internacionais de envolvimento em situações de *bullying*

Carvalhosa, Lima e Matos (2001) caracterizaram os agressores e vítimas de *bullying* nas escolas portuguesas. A amostra foi representativa da população escolar nacional do 6º, 8º e 10º anos de escolaridade (n=6.903). Os comportamentos dos alunos com envolvimento em situações *bullying* foram analisados através do questionário “Comportamento e Saúde em Jovens em Idade Escolar” – versão portuguesa do questionário internacional de 1998, da rede *Health Behaviour in School-aged Children* (HBSC). Do total da amostra, 25,9% eram vítimas/agressores, 21,5% exclusivamente vítimas e 10,2% agressores, sendo a maioria composta por meninos, mais novos e de nível de escolaridade mais baixo. As três categorias de alunos com envolvimento em *bullying* apresentaram algumas características em comum, tais como: distanciamento da escola, sintomas físicos, psicológicos e depressão.

Nansel *et al.* (2001) mensuraram a prevalência de comportamentos de *bullying* entre jovens dos Estados Unidos e determinaram a associação com envolvimento através indicadores de ajustamento psicossocial. A amostra foi composta por 15.686 alunos de escolas públicas e privadas e os dados foram obtidos a partir de um questionário auto-aplicável. Trinta por cento da amostra relataram envolvimento moderado ou frequente em *bullying*, com 13,0% sendo agressores, 10,6% vítimas e 6,3% vítimas/agressores. Os meninos relataram ser mais agredidos fisicamente do que as meninas, no entanto, as meninas foram mais frequentemente vítimas de agressões através de boatos ou comentários de natureza sexual. Os sujeitos com envolvimento em situações de *bullying* apresentaram associação com o pior ajustamento psicossocial ($p < 0,001$), porém, diferenças nos padrões de associação ocorreram entre os envolvidos.

Nos Estados Unidos, Nansel *et al.* (2003) determinaram o envolvimento em atos de *bullying* em escolares, dentro e fora da escola, e sua associação com comportamentos violentos (portar arma, portar arma na escola, participar frequentemente de brigas e ser ferido em uma briga). A amostra foi composta por 15.686 alunos de escolas públicas e privadas que participaram da pesquisa *World Health Organization's Health Behaviour in Schoolaged Children* (HBSC) em 1998.

Para obtenção dos dados utilizou-se do questionário de auto-relato HSBC com perguntas sobre comportamento de saúde, dados demográficos e outras variáveis relevantes. Verificou-se que o envolvimento em comportamentos violentos foi mais comum em meninos do que nas meninas, variando de 13,0% para 23,0% nos meninos e de 4,0% para 11,0% nas meninas. Sofrer *bullying* na escola “às vezes” ou “semanalmente” foi relatado por 16,0% dos meninos e 11,0% das meninas. Sofrer ou praticar *bullying* foi consistentemente associado a cada comportamento relacionado à violência, para ambos os gêneros.

Carlyle e Steinman (2007) analisaram a prevalência e co-ocorrência de *bullying* em alunos de 16 distritos escolares em uma grande área metropolitana dos Estados Unidos (n= 79.492), a partir de dados da pesquisa *Primary Prevention Awareness Attitude and Use Survey* (PPAAUS) de 2003. Mais de dois terços (68,5%) dos escolares não relataram envolvimento em situações de *bullying*. O percentual de vítimas (11,7%) foi ligeiramente superior aos dos agressores (11,4%) e 7,4% foram classificados como vítimas/agressores, predominando indivíduos do gênero masculino. O uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas foi fortemente associado com a realização de *bullying*, enquanto os efeitos depressivos com a vitimização ($p < 0,001$).

Liang, Flisher e Lombard (2007) avaliaram a prevalência de *bullying*, e sua associação com os níveis de violência e comportamentos de risco em 5.074 adolescentes escolares de 72 escolas públicas nas cidades do Cabo e Burban, na África do Sul. Utilizou-se como instrumento de pesquisa um questionário, sendo que as questões referentes à ocorrência de *bullying*, foram relativas aos 12 últimos meses. Pode-se constatar que mais de um terço dos alunos (36,3%) estavam envolvidos em atos de *bullying*, assim distribuídos: 8,2% como agressores, 19,3% como vítimas e 8,7% como vítimas/agressores. Alunos do gênero masculino apresentaram maior risco de envolvimento, com os mais jovens sendo mais vulneráveis à vitimização. Comportamentos violentos e anti-sociais foram maiores nos agressores, nas vítimas e nas vítimas/agressores, em relação ao grupo que não se envolveu em qualquer comportamento de *bullying* ($p < 0,01$).

Pizarro e Jiménez (2007) mensuraram as condições gerais de alunos vítimas de *bullying*, a frequência, os lugares e as formas de agressão mais comuns em uma amostra de 371 estudantes de ambos os gêneros, com idades entre 12 a 16 anos, matriculados entre o 6º e o 8º ano de estudo do sistema educativo da Costa Rica.

Verificaram que 32,6% dos estudantes foram vítimas de agressões, sendo que as ameaças verbais, os empurrões e os apelidos se apresentaram como as formas mais frequentes de agressão. Em relação as diferenças entre os gêneros, verificou-se que os meninos cometeram mais a agressão física que a verbal, contrariamente às meninas, que utilizaram mais a forma verbal, com ameaças e chantagens.

Cepeda-Cuervo *et al.* (2008) estudaram as características e o nível de *bullying* em 3.226 alunos de 10 a 20 anos de idade da educação básica e média, de escolas oficiais localizados na cidade Bolívar de Bogotá, Colômbia. Os dados foram obtidos através de entrevistas, na qual se estabeleceu a frequência com que os alunos foram vítimas de situações de violência escolar. O nível de *bullying* resultou independente do nível socioeconômico dos estudantes, porém dependente do grau escolar em que os estudantes se encontravam. Os índices (global, de intensidade e estratégico) revelaram que para um alto percentual de estudantes, a escola é um espaço onde diariamente traz mais sofrimento, apresentando-se múltiplas situações de violência que geram medo e afetam a vida das crianças.

Gobina *et al.* (2008) investigaram a prevalência de *bullying* em 3.417 adolescentes da Letônia e 5.626 da Lituânia (com 11, 13 e 15 anos de idade) e sua associação com a autopercepção da saúde e a satisfação com a vida. Os dados foram obtidos a partir do estudo *Health Behaviour Study among School-aged Children* (HBSC) em 2001/2002 através de aplicação de um questionário. Ser vítima, agressor ou vítima/agressor de *bullying* foi relatado por 30,1% dos adolescentes na Letônia e 52,3% na Lituânia, com a maioria reportando ser vítima. Em ambos os países, a experiência em *bullying* foi maior nos meninos do que nas meninas ($p < 0,001$), exceto na Lituânia, na qual o percentual total de vítimas foi ligeiramente maior entre as meninas ($p < 0,001$). As comparações por faixa etária mostraram que ser vítima de *bullying* diminui com a idade em ambos os países ($p < 0,0001$), entretanto, a prevalência de ser agressor aumenta com a idade. O envolvimento em situações de *bullying* foi associado com estado de saúde ruim ($p < 0,0001$) e baixa satisfação com a vida ($p < 0,0001$).

Hazemba *et al.* (2008) realizaram um estudo com 2.348 estudantes adolescentes (50,5% meninos e 49,5% meninas) de Pequim na China, com o objetivo de investigar a prevalência de vítimas de *bullying* e fatores associados. Os dados foram extraídos do *Global School-Based Beijing Health Survey* (2003). Do total da amostra, 20,0% relataram serem vítimas de *bullying*, destes mais da metade

(55,6%) eram do gênero masculino. Verificou-se alguns fatores de risco para os adolescentes vítimas de *bullying*, dentre eles, apresentar sentimentos de solidão, tristeza ou desesperança, além desses, usar drogas lícitas, a exemplo do álcool e tabaco.

Craig *et al.* (2009) compararam o envolvimento em situações de *bullying* entre os gêneros e por idades (11, 13 e 15 anos) em 202.056 escolares de 40 países, como também, verificaram as taxas de *bullying* físico direto, verbal direto e indireto pelo gênero, idade e o país em 29.127 escolares de 6 países. Os dados foram obtidos do estudo *Health Behavior in School-Aged Children* (HBSC) 2005/06. Constatou-se que 12,6% dos estudantes foram vítimas, 10,7% agressores e 3,6% vítimas/agressores. A exposição ao *bullying* variou nos países, com estimativas de 8,6% a 45,2% entre os meninos e de 4,8% a 35,8% entre as meninas. Os adolescentes dos países Bálticos relataram os maiores percentuais de envolvimento em atos de *bullying*, enquanto os dos países do norte europeu apresentaram as menores prevalências. Os percentuais de vitimização diminuíram por idade em 30 dos 40 países para o gênero masculino e em 25 dos 39 países para o feminino.

Muula *et al.* (2009) avaliaram a relação de briga com agressão física e vitimização entre 2.229 estudantes adolescentes de Barinas, Venezuela, a partir de dados do *Global School-Based Health Survey* (2003), dos quais 31,5% relataram que tinham sido vítimas de *bullying* nos últimos 30 dias e 31,1% tiveram envolvimento em briga com agressão física nos últimos 12 meses. Em ambas as formas de violência, a maioria das vítimas era do gênero masculino. Houve um relação estatisticamente significativa entre vitimização e briga física ($p < 0,001$). Os escolares que relataram o uso de álcool e de drogas ilícitas possuíam maior probabilidade de envolvimento em briga com agressão física do que os não usuários.

Pereira, Silva e Nunes (2009) realizaram um estudo exploratório de delineamento transversal com o objetivo de caracterizar as vítimas quanto a prevalência, formas e locais de ocorrência do *bullying*, a partir de uma amostra composta por 387 alunos, de sete escolas do Ensino Básico do 2° ao 6° ano de escolaridades, com idades entre 7 e 14 anos, no Nordeste Transmontano, no interior de Portugal. O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário adaptado de Olweus (1989). Considerou-se como vítimas de *bullying* os estudantes que sofreram as agressões numa frequência de três ou mais vezes. Do total de alunos, 24,2%

foram vítimas de *bullying*. A forma mais frequente de vitimização foi o insulto, seguida da agressão física. As vítimas relataram que a maioria das agressões eram cometidas por meninos que agiam individualmente ou em grupo (30,0%).

Postigo Zegarra *et al.* (2009) verificaram as diferenças de comportamentos de *bullying* de acordo o gênero, em 641 escolares, com idades entre 12 e 16 anos. Os resultados demonstraram que a maior parte da amostra não se envolveu em situação de *bullying* (67,3%). Dos envolvidos, verificou-se que 21,4% foram vítimas e 14,5% agressores, ambos com maior frequência nos meninos. A maior parte das agressões foi verbal, através de insultos (52,0%), seguido de rejeição social (39,0%) e maus tratos físicos (9,0%). As meninas estavam mais expostas a agressões indiretas que os meninos (38,2% *versus* 27,4%). A respeito de sua frequência, 32,3% dos escolares estimaram que as agressões ocorreram de uma a duas vezes por semana e 29,0% relataram serem raras, enquanto que 23,0% afirmaram que eram diárias.

Tharp-Taylor, Haviland e D'amico (2009) observaram a associação entre a vitimização mental e física e o uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas entre estudantes. Os dados foram analisados a partir do auto-relato de 926 escolares de diversas etnias com idades entre 11 a 14 anos do sul da Califórnia, Estados Unidos. Aproximadamente 51,0% dos jovens relataram sofrer o *bullying* mental, 34,0% o tipo físico e 28,0% sofreram tanto o físico como o mental. Os resultados demonstraram que os estudantes que sofreram *bullying* físico diferiram segundo o gênero, com os meninos apresentando maior probabilidade de exposição do que as meninas ($p < 0,001$). Associação estatisticamente significativa foi observada entre o uso de álcool e tabaco e de drogas ilícitas e a vitimização física e mental nos escolares ($p < 0,05$).

Wang, Iannotti e Nansel (2009) avaliaram diferentes formas de *bullying* escolar entre adolescentes dos Estados Unidos e sua associação com características sociodemográficas, o apoio dos pais e números de amigos que o estudante possuía. Os dados foram obtidos a partir da pesquisa *Health Behavior in School-Aged Children* (HBSC) 2005, na qual participaram 7.182 adolescentes com média de idade de 14,3 anos. O questionário *Olweus Bully/Victim* foi usado para mensurar a forma física, verbal e relacional de *bullying*. As taxas de prevalência de vitimização nos últimos dois meses foram de 12,8% para a física, 36,5% para a

verbal e 41,0% para a relacional. Os meninos estavam mais envolvidos no *bullying* físico ou verbal, enquanto as meninas no tipo relacional.

Vervoort, Scholte e Overbeek (2010) examinaram as relações entre a etnia e o envolvimento em atos de *bullying*, em 2.789 adolescentes da 8ª série (segundo ano do ensino secundário) com média de idade de 13,1 anos de 43 escolas secundárias dos Países Baixos. O envolvimento em *bullying* foi avaliado por meio de nomeações dos pares. Os resultados demonstraram que os adolescentes pertencentes às minorias étnicas foram menos vitimizados, mas não diferiram dos membros do grupo das majorias étnicas sobre a realização de *bullying*. A vitimização foi mais prevalente em classes etnicamente heterogêneas. Além disso, verificou-se que as minorias étnicas realizaram mais ações de *bullying* nos adolescentes das classes etnicamente heterogêneas.

Garcia Continente, Pérez Giménez e Nebot Adell (2010) avaliaram a vitimização e fatores relacionados em uma amostra de 2.727 estudantes de 66 centros escolares de Barcelona na Espanha. Determinou-se a vitimização através de perguntas sobre ser provocado, espancado ou marginalizado nos últimos 12 meses. Os dados foram obtidos a partir da pesquisa FRESC (*Factores de Riesgo em Escolares de Barcelona*) em 2004. Verificou-se que a prevalência de *bullying* escolar foi de 18,2%, 10,9% e 4,3% nos meninos e de 14,4%, 8,5% e 4,5% em meninas, respectivamente, em ordem crescente de escolaridade, para as séries estudadas. Em ambos os gêneros, o aumento da idade associou-se significativamente com a menor probabilidade de sofrer *bullying*. A agressão verbal foi a forma mais relatada pelas vítimas, seguido da exclusão social e da agressão física.

McMahon et al. (2010) avaliaram a vitimização e fatores de risco em 1.870 adolescentes irlandeses do gênero masculino, de 15 a 17 anos de idade. As análises foram baseadas nos dados da pesquisa *Child and Adolescent Self Harm in Europe* (CASE). Utilizou-se um questionário para obtenção dos dados que incluiu fatores demográficos, *bullying* escolar, auto-degradação, fatores psicológicos e de estilo de vida. Dos participantes, 19,4% reportaram ter sido vítimas de *bullying* em algum momento de suas vidas e 4,3% nos últimos 12 meses. Os adolescentes vítimas de *bullying* apresentaram níveis significativamente mais altos de depressão, ansiedade e pior auto-estima quando comparados àqueles que não sofreram esse tipo de violência ($p < 0,001$). Problemas com colegas e com os pais foram fortemente associados com as vítimas de *bullying* ($p < 0,001$).

Guo *et al.* (2010) realizaram uma pesquisa com 12.439 estudantes de 11 a 18 anos de idade, em 105 escolas de áreas urbanas e rurais da província de Guangdong, na China, a partir dos dados do estudo *Guangdong Provincial Youth Health Behavior*. O estudo avaliou a relação entre o peso e as diferentes formas de vitimização (física, verbal e relacional) entre os escolares, através de aplicação de um questionário. A incidência de vitimização foi de 8,6%, com maior percentual nos meninos (12,4%) do que nas meninas (4,7%). No entanto, não houve diferença estatisticamente significativa entre os alunos das áreas urbanas e rurais ($p > 0,05$). As incidências de vitimização diminuíram com a idade dos escolares. De acordo com o Índice de Massa Corpórea (IMC), os estudantes com peso normal, sobrepeso e obesidade, apresentaram taxas de vitimização de 8,2%, 17,3% e 11,5%, respectivamente. Concluíram que os escolares com sobrepeso e obesos são mais propensos a serem vítimas de *bullying*, principalmente o tipo verbal.

Luk, Wang e Simons-Morton (2010), com base nos dados da pesquisa *Health Behavior in School-aged Children U.S. (HBSC) (2005/2006)*, avaliaram a ligação entre vitimização e o uso de drogas e os sintomas da depressão como mediador, em 1.495 alunos adolescentes, de ambos os gêneros, nos Estados Unidos. Para obtenção dos dados sobre o *bullying*, utilizou-se 7 itens do questionário *Olweus Bully/Victim* revisado (1996). O uso de drogas foi mensurado pela ingestão de álcool, uso de tabaco e de maconha nos últimos 30 dias. Observou-se que a vitimização possuía associação positiva com o uso drogas ($p < 0,005$) e a depressão ($p < 0,001$) em ambos os gêneros. Nos meninos, a associação entre vitimização e o uso de drogas foi direta e não mediada pela depressão. Entretanto, nas meninas, a associação entre vitimização e o uso de substâncias foi mediada pela depressão.

Wang *et al.* (2010) examinaram a co-ocorrência de cinco subtipos de vitimização em 7.475 adolescentes dos Estados Unidos, a partir dos dados do *Health Behavior in School-Aged Children (HBSC) 2005/2006*. A experiência de vitimização foi mensurada por itens do questionário *Olweus Bully/Victim* revisado (1996). Os tipos de *bullying* mais reportados pelos alunos foram o verbal (36,9%), espalhar rumores (32,1%) e a exclusão social (25,8%), seguidos de agressões físicas (13,2%) e do *cyberbullying* (10,1%). Os adolescentes do gênero masculino foram mais propensos a serem vítimas para todos os tipos de *bullying*. Três classes latentes foram identificadas, incluindo uma classe com as vítimas que sofreram todos os tipos *bullying* (masculino: 9,7%; Feminino: 6,2%), outra com as vítimas dos

tipos verbal/relacional (masculino: 28,1%; Feminino: 35,1%) e uma com alunos que não foram vítimas (masculino: 62,2%; feminino: 58,7%). Houve relação entre as três classes latentes e o nível de depressão ($p < 0,05$), a frequência de atendimento médico ($p < 0,05$) e o uso de medicamentos ($p < 0,05$), especialmente entre as adolescentes.

Perren *et al.* (2010) investigaram as associações entre o *cyberbullying* versus o *bullying* tradicional e sintomas depressivos em 374 e 1320 estudantes da Suíça e Austrália, respectivamente (média de idade de 13,8 anos). Todos os participantes responderam a um questionário sobre *bullying* e assinalaram escalas de sintomas depressivos. Constatou-se que 10,0% da amostra foram vítimas de *bullying*, 3,6% foram vítimas/agressores, 9,2% agressores e 77,2% não se envolveram nesse tipo de violência. Verificou-se diferença significativa entre os gêneros ($p < 0,001$), e dentre os agressores, a maioria era do gênero masculino. Os escolares vítimas e vítimas/agressores de *bullying* relataram um maior número de sintomas depressivos do que os agressores e os não envolvidos.

2.5 Estudos epidemiológicos nacionais de envolvimento em situações de *bullying*

Pesquisa realizada em um grupo de 430 estudantes de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e das 1ª e 2ª séries do Ensino Médio de uma escola privada na cidade de Barretos/SP, e identificou que, 81,0% dos alunos estavam envolvidos em algum ato de violência no decorrer daquele ano letivo. Destes, 41,0% foram considerados como casos de *bullying*, sendo 18,0% de alunos alvos, 14,0% de autores e 9,0% de alvo/autores. Em 2001, em um segundo estudo, a mesma autora investigou 431 alunos entre 7 e 16 anos de idade em 5 escolas públicas e 1 privada em dois municípios do interior do estado de São Paulo, e verificou que 87% dos alunos apresentavam envolvimento em situações violentas no decorrer daquele ano letivo, sendo 47,0% identificados como casos de *bullying*, destes, 21,3% apresentaram envolvimento como alunos alvos, 15,6% como alunos autores e 10,1% como alvos/autores. No ano de 2002, na cidade de São José do Rio Preto/SP, a autora supracitada realizou sua terceira pesquisa com uma amostra de 450 alunos de uma escola pública, verificando que no primeiro semestre letivo, 66,9% dos alunos estavam envolvidos em casos de *bullying*. Desses 25,5% eram alunos alvo, 22,0% alunos autores e 19,3% de alunos alvo/autores. Em 2003, um

quarto e último estudo foi realizada pela autora em uma escola pública de uma cidade do estado de São Paulo, com 450 alunos de 5ª a 8ª do Ensino Fundamental, sendo a maioria oriunda da zona rural. Entre os resultados, a pesquisa apontou que 45% dos alunos estavam envolvidos com *bullying*, sendo 24% alvos, 8% autores e 13% alvos/autores (FANTE, 2005).

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência (ABRAPIA) realizou uma pesquisa em 11 escolas no Rio de Janeiro/RJ, entre os anos de 2002 e 2003. Participaram da amostra 5.428 crianças com média de idade 13,47 anos, da 5ª a 8ª série, sendo 50,5% meninos e 49,5% meninas. O instrumento de pesquisa teve como referência o "Questionário sobre *Bullying* - Modelo TMR (*Training and Mobility on Research*)", adaptado por Ortega *et al.* (1999), a partir do questionário original de Dan Olweus (1989). Foram consideradas vítimas os estudantes que admitiram sofrer *bullying* por 3 ou mais vezes no ano da pesquisa. Do total de alunos, 16,9% identificaram-se como vítimas, 10,9% se constituíram em vítimas/agressores, 12,7% exclusivamente como agressores, 57,5% como testemunhas e 2% não opinaram. A maioria dos estudantes (56,3%) sofreu *bullying* através de apelidos ou xingamentos e 19,4% sofreram agressões físicas (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008).

Bandeira (2009) observou a ocorrência de *bullying* em adolescentes (média de idade de 13,4 anos) de três escolas, públicas e privadas da cidade de Porto Alegre/RS, como também, a existência de diferença na auto-estima nos adolescentes envolvidos nesse fenômeno. A amostra foi composta por 465 escolares, de 4ª a 8ª séries do ensino fundamental. Foi utilizado dois instrumentos de pesquisa, sendo um questionário sobre *bullying*, elaborado com base no questionário utilizado pela ABRAPIA (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008), e o outro a Escala de Auto-Estima de Rosenberg. Os resultados demonstraram que 90,8% da amostra afirmaram envolvimento em situações de *bullying*, dos quais, 21,1% foram vítimas, 14,4% agressores, 39,6% vítimas/agressores e 15,7% testemunhas. O tipo de *bullying* mais praticado contra as vítimas foi o verbal (61,1%), através de apelidos, insultos ou deboches, seguidos por mentiras ou fofocas (25,7%), ameaças (19,3%) e agressões físicas (12,5%).

Pinheiro e Williams (2009) investigaram a associação entre o envolvimento em atos de *bullying* e violência intrafamiliar em 239 escolares com idade entre 11 e 15 anos (34,7% meninos e 65,3% meninas) que cursavam da 5ª a 8ª série do ensino

fundamental em três escolas públicas da cidade de São Carlos/SP. Para a obtenção dos dados foi elaborado um questionário que continha: questões sobre variáveis sociodemográfica; itens que investigavam a exposição dos estudantes à violência interparental e questões que mediam a violência física e psicológica cometidas por mães e pais contra participantes. O envolvimento em *bullying* foi avaliado por perguntas, desenvolvidas especialmente para os propósitos do estudo, baseados em uma versão modificada do questionário proposto por Olweus (1996). Os resultados demonstraram que 49,0% da amostra admitiram algum envolvimento em *bullying* nos últimos três meses. Destes, 26,0% foram exclusivamente vítimas, 21,0% foram vítimas/agressores e 3,0% agressores.

Francisco e Libório (2009) avaliaram a ocorrência de *bullying* em 283 escolares de 5^{as} e 8^{as} séries de duas escolas públicas estaduais da cidade de Presidente Prudente/SP, através de aplicação de questionário. Encaixaram-se no perfil de vítimas 13,9% dos escolares que participaram da pesquisa. Na 5^a série, as formas de violência se manifestaram mais comumente por meio de ameaças físicas, contudo, na 8^a série destacaram-se os insultos e as provocações.

Malta *et al.* (2010a) realizaram um estudo transversal descritivo, com dados derivados de um inquérito epidemiológico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde. Participaram da pesquisa 60.973 escolares do 9º ano do ensino fundamental de 1.453 escolas públicas e privadas das 26 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal. Verificou-se que 5,4% dos escolares relataram ter sofrido *bullying* quase sempre ou sempre nos últimos dias 30 dias, 25,4% foram raramente ou às vezes vítimas e 69,2% não sofreram esse tipo de violência. Sofrer *bullying* foi mais frequente entre os meninos. A capital com maior frequência de *bullying* foi Belo Horizonte/MG e a menor foi Palmas/TO. Não houve diferença entre escolas públicas e privadas, exceto em Aracaju/SE, onde foi registrada maior ocorrência de *bullying* em escolas privadas.

Fischer *et al.* (2010) realizaram uma pesquisa, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de conhecer as situações de violência entre pares e de *bullying* em 5.168 escolares de 5^a a 8^a série de escolas públicas e privadas nas cinco regiões geográficas do país, através da aplicação de um questionário. Os resultados revelaram que 17,0% dos alunos pesquisados tiveram envolvimento em *bullying* e 10,0% relataram ter sofrido maus tratos três ou mais vezes no mesmo

ano, o que, para fins dessa pesquisa, foram caracterizados como vítimas de *bullying*. A região Sudeste apresentou o maior percentual de vítimas (15,5%). Na sequência estavam as regiões: Centro-oeste (11,7%), Sul (8,4%), Norte (6,2%) e Nordeste (5,4%). Observou-se que no Sudeste a prevalência foi quase três vezes maior que no Nordeste. Em relação às maneiras que as vítimas sofreram *bullying*, as respostas mais frequentemente fornecidas foram diferentes tipos de agressões verbais, tais como, apelidos, xingamentos, insultos e ameaças. As mais elevadas frequências de *bullying* foram identificadas entre adolescentes na faixa etária de 11 a 15 anos de idade e matriculados na 6ª série do ensino fundamental.

Santos (2010) averiguou a prevalência de *bullying*, em 125 estudantes de 11 a 14 anos da 6ª série do Ensino Fundamental, nas aulas de Educação Física Escolar em uma escola pública do Distrito Federal/DF, além disso, analisou a relação entre agressor, vítima e testemunha nesse contexto. Utilizou-se como instrumento para a coleta dos dados um questionário adaptado do “Questionário sobre *bullying* – Modelo TMR (*Training and Mobility on Research*)”, de Ortega *et al.* (1999), construído a partir do questionário original de Dan Olweus (1989). Verificou-se que 44,0% dos escolares relataram sofrer algum tipo de vitimização e 12,4% sofreram essas agressões em uma frequência de 3 ou mais vezes. As ameaças (11,2%), os danos materiais (7,3%) e a exclusão nos esportes coletivos (7,2%) foram às formas de agressão mais mencionadas. Concluiu ser elevado o índice do fenômeno *bullying* na Educação Física Escolar na instituição estudada e medidas emergenciais seriam necessárias para a reversão desse quadro.

Moura, Cruz e Quevedo (2011) com intuito de descrever a prevalência de vítimas de *bullying*, suas características e os sintomas associados nas áreas emocionais, de conduta, hiperatividade e relacionamento pesquisaram 1.075 estudantes, da 1ª a 8ª série, de duas escolas públicas de ensino fundamental de Pelota/RS, uma municipal e outra estadual. Foi utilizado o questionário KIDSCAPE para avaliar a prevalência de *bullying* e o *Strengths and Difficulties Questionnaire* para as características comportamentais das vítimas. A prevalência de estudantes que sofreram *bullying* foi de 17,6%. A maioria das agressões aconteceu no pátio da escola (55,1%). Quanto ao tipo de intimidação, 75,1% foram verbais, 62,4% físicas, 23,8% emocionais, 6,3% racistas e 1,1% sexuais. O estudo identificou as características comportamentais das vítimas de *bullying* que podem ser úteis para políticas locais de proteção desses indivíduos.

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

Verificar a prevalência e os tipos de *bullying*, além, da ocorrência de lesões maxilofaciais nas vítimas de *bullying* por agressão física em escolares de 13 a 17 anos da rede municipal de ensino de Campina Grande-PB, bem como, analisar os fatores associados.

3.2 Específicos

- Identificar a frequência, as maneiras e a duração do *bullying*, bem como, a quantidade e o gênero dos alunos agressores;
- Analisar os sentimentos e as atitudes das vítimas de *bullying*;
- Verificar se as vítimas relataram as agressões a outras pessoas;
- Identificar as manifestações de professores, familiares ou colegas frente às agressões;
- Verificar a prevalência de vítimas de *bullying*, sua distribuição segundo o gênero, a faixa etária, o ano e o turno escolar e a quantidade de bons amigos na turma;
- Verificar o tipo de *bullying* mais prevalente, sua distribuição de acordo com o gênero, a faixa etária, o ano e o turno escolar e a quantidade de bons amigos na turma;
- Analisar, dentre as vítimas de *bullying* por agressão física, a forma de agressão sofrida, o local do corpo atingido, a presença de lesão na cavidade oral e o envolvimento tecidual, bem como, a presença de fratura óssea e dentária;
- Verificar se existe ou não associação significativa entre a ocorrência de vítimas de *bullying* com cada uma das variáveis: faixa etária, gênero, ano de curso, turno e número de bons amigos que tem na turma;

- Verificar se existe ou não associação significativa entre a ocorrência de cada tipo de *bullying* sofrido com cada uma das variáveis: faixa etária, gênero, ano e turno escolar e número de bons amigos que tem na turma.
- Verificar se existe ou não associação significativa entre o gênero e a faixa etária com cada um dos locais e formas de agressão dos alunos vítimas de *bullying* por agressão física.

4. METODOLOGIA

4.1 Local do Estudo

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Campina Grande (FIGURA 1) que é um município com uma população de 385.276 mil habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa da Paraíba. A cidade localiza-se no interior do estado, no agreste paraibano, na parte oriental do Planalto da Borborema, na serra do Boturité/Bacamarte, que estende-se do Piauí até a Bahia. Encontra-se a uma altitude média de 555 metros acima do nível do mar. A área abrange 599,6 km². Dispõe de uma ampla rede escolar e universitária que se destaca não só pela quantidade dos estabelecimentos públicos e privados existentes, mas pela extensão, desde o ensino fundamental até a pós-graduação, abrangendo várias áreas do conhecimento humano. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).



Figura 1. Localização geográfica da Cidade de Campina Grande
 Fonte: <http://www.viagemdeferias.com/mapa/paraiba.gif>

4.2 População do estudo

De acordo com informações fornecidas pela Secretaria de Educação, Esporte e Cultura havia 15 escolas do 3º e 4º ciclos da rede municipal de ensino de Campina Grande-PB. O total de alunos, na faixa etária de 13 a 17 anos, regularmente matriculados nos turnos da manhã e tarde no ano de 2010, era de 2.105.

4.3 Procedimento amostral

A seleção dos participantes foi realizada através de procedimento amostral aleatório simples. Os alunos da amostra foram selecionados a partir do número total de estudantes de 13 a 17 anos matriculados nos turnos da manhã e tarde em 14 escolas. Uma escola não foi incluída na pesquisa por não funcionar nos turnos manhã e tarde. Utilizou-se do programa Microsoft Excel/2007 para realização do sorteio dos participantes.

Para o cálculo amostral foi considerado um nível de confiança de 95% ($Z = 1,96$), margem de erro de 5% e a prevalência de vítimas de *bullying* de 50,0%.

Ao valor encontrado após o cálculo foi acrescido 20% referentes a possíveis perdas, sendo, portanto, a amostra total de 525 alunos. Sendo esta amostra representativa dos alunos de 13 a 17 da rede municipal de ensino.

Para o cálculo da amostra utilizou-se as seguintes fórmulas:

$$m = \frac{z^2 p_e (1 - p_e)}{e^2}$$

$$n = \frac{m}{1 + \frac{m-1}{N}}$$

onde n = Tamanho amostral;

$z = 1,96$ = valor da curva normal relativa á confiabilidade de 95,0%;

$p_e = 0,50$ = Proporção esperada igual a 50,0%.

$e = 0,05$ = erro de 5,0%;

$N = 2.105$ = tamanho populacional.

4.4 Critérios de inclusão

- Alunos cujos os pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDEICE A);
- Alunos que aceitaram participar da pesquisa e que estavam presentes no dia da coleta dos dados;

4.5 Desenho do estudo

Foi realizado um estudo do tipo transversal, descritivo e analítico, com método quantitativo.

Os estudos de corte transversal são importantes, pois permitem analisar a distribuição de um agravo em determinada população, além de serem úteis como base para o planejamento e determinação de necessidades coletivas de tratamento. Apresentam, entre outras vantagens, baixo custo e objetividade dos dados (PEREIRA, 1995; PINTO, 2000).

4.6 Aspectos Éticos

Seguindo os preceitos estabelecidos pela Resolução 196/96, este estudo foi registrado no Sistema Nacional de Ética em Pesquisa (SISNEP) sob o CAAE de nº 0009.0.133.000-10 e devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) (ANEXO A).

Solicitou-se aos pais ou responsáveis dos escolares integrantes da amostra a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a participação destes na pesquisa. O termo foi redigido em linguagem de fácil entendimento e continha todas as informações a respeito do estudo proposto. Destaca-se que durante a coleta dos dados os alunos foram previamente informados dos procedimentos que seriam realizados com a pretensão de conseguir a maior cooperação dos mesmos e evitar alguma situação de constrangimento. Além disso, assegurou-se ao aluno o direito de interromper sua participação a qualquer momento, sem nenhum ônus ou prejuízo.

4.7 Instrumento de pesquisa

Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos de pesquisa: um questionário sobre *bullying* e o outro constituiu de um formulário específico para o registro das lesões no complexo maxilofacial.

Para obtenção dos dados a respeito do envolvimento do estudante em situações de vitimização foi utilizado 12 itens de uma das partes, sobre sofrer *bullying* na escola, do “Questionário sobre *bullying* – Modelo TMR (*Training and Mobility of Researchers*)”, adaptado por Ortega *et. al.* (1999), a partir do questionário de Dan Olweus (1989) (APÊNDICE B), utilizado pela ABRAPIA em uma pesquisa realizada no Brasil em 2003 (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008). O instrumento abordou as seguintes variáveis: número de bons amigos na turma; a frequência, maneira e duração do *bullying*; a quantidade e o gênero dos alunos agressores; os sentimentos e as atitudes após sofrer *bullying*; o relato a outras pessoas sobre o *bullying* que sofreu; a manifestação dos professores, familiares ou colegas frente a esse tipo de violência. Além disso, possuía uma parte inicial que tratou da identificação do aluno, com as variáveis: gênero, idade, ano e turno escolar. Ressalta-se que algumas questões possibilitavam a escolha de uma ou mais respostas.

Para os escolares vítimas de *bullying* e que sofreram agressões físicas, foi criado um instrumento de pesquisa específico, o formulário sobre lesões no complexo maxilofacial (APÊNDICE C), baseado no instrumento utilizado por Cavalcanti (2009) e (2010), com objetivo de identificar os locais do corpo atingidos, as formas das agressões, a presença de lesões orais, o envolvimento tecidual, o local da região atingida, a existência de fraturas dentárias e a identificação dos elementos dentários atingidos.

4.8 Estudo piloto e teste reteste do instrumento

Previamente à coleta de dados, realizou-se o estudo piloto com 36 alunos de 13 a 17 anos de idade de duas escolas na cidade Campina Grande-PB (Escola Municipal São Clemente e Lions Prata).

A consistência das respostas dos alunos foi obtida a partir do grau de coincidência entre as respostas do teste e reteste, sendo aplicados com intervalos

de 12 dias. Os valores da concordância observada entre as duas aplicações do instrumento variaram de 80,0% a 97,1%.

4.9 Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada no período de setembro a novembro de 2010. Inicialmente foram realizadas reuniões com a direção das escolas incluídas na pesquisa, com o intuito de informar a importância do estudo, além dos procedimentos que seriam realizados.

Os questionários sobre *bullying* (APÊNDICE B) foram aplicados por um examinador de forma coletiva em espaços físicos da própria escola reservados pela direção, onde os alunos pudessem ficar bem acomodados e sem sofrer risco de interrupções, facilitando o entendimento e andamento da pesquisa. A coleta dos dados foi realizada em dias e horários preestabelecidos para que não atrapalhasse o funcionamento das atividades das escolas.

Quando da aplicação do questionário, o examinador solicitou que os alunos acompanhassem a leitura da definição do termo *bullying* presente no início do instrumento, objetivando facilitar a sua compreensão. Além disso, citou alguns exemplos de *bullying*, sempre utilizando uma linguagem adequada a faixa etária dos estudantes. O sigilo e a confidencialidade dos dados foram ressaltados, por isso, solicitou que todos fossem rigorosos e verdadeiros na sua resolução.

Segundo Kyriakides, Kaloyirou e Lindsay (2006) a partir da análise da duração e a frequência do problema distingue-se um ato de *bullying* de outra forma de violência não intencional. Foram consideradas vítimas os estudantes que afirmaram sofrer *bullying* por 3 ou mais vezes no ano da pesquisa, critério esse, utilizado em estudos nacionais (FISCHER *et al.*, 2009; LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008) e internacionais (CARLYLE; STEINMAN, 2007; ESLEA *et al.*, 2003; PEREIRA; SILVA; NUNES, 2009).

As vítimas foram analisadas sobre os tipos de *bullying* que sofreram na escola no ano da pesquisa. O tipo físico foi mensurado por descrições de agressões como as de empurrar, chutar, bater e/ou sofrer danos materiais (OLWEUS, 1993; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009; WANG; NANSEL; IANNOTTI, 2010). O tipo verbal foi verificado através de atos como os de ameaçar, colocar apelidos, xingar, rir, ofender e/ou insultar por questões raciais (OLWEUS, 1993; WANG; IANNOTTI; NANSEL,

2009; WANG; NANSEL; IANNOTTI, 2010). E o relacional foi constatado através de ações de isolamento social e/ou por mentiras ou difamações (WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009; WANG; NANSEL; IANNOTTI, 2010).

Para os alunos vítimas de *bullying* que sofreram agressões físicas, a aplicação do formulário específico sobre lesões no complexo maxilofacial (APENDICE C) foi realizada através de entrevista em outro momento, também, em dias e horários preestabelecidos.

4.10 Variáveis

No presente estudo analisaram-se as seguintes variáveis (Quadro 1):

| Variável | Descrição |
|--|---|
| Gênero | Masculino, Feminino |
| Idade | 13, 14, 15, 16 e 17 |
| Turno escolar | Manhã, Tarde |
| Ano escolar | 6° ano, 7° ano, 8° ano, 9° ano |
| Quantidade de bons amigos na turma | Nenhum, 1 bom amigo, 2 ou 3 bons amigos, 4 ou 5 bons amigos, mais de 5 bons amigos |
| Frequência que sofreu <i>bullying</i> | Não sofreu <i>bullying</i> na escola nesse ano, 1 ou 2 vezes, 3 a 6 vezes, Uma vez por semana, Várias vezes por semana |
| Vítima de <i>bullying</i> | Sim, Não |
| Maneira que sofreu <i>bullying</i> | Empurraram, chutaram e bateram, Ameaçaram, Colocaram apelidos, xingaram ou riram, Estragaram ou pegaram minhas coisas ou meu dinheiro, Xingaram e insultaram por causa da minha cor ou raça, Não deixaram conversar, ficar junto ou brincar com os colegas, Contaram mentiras ou fizeram fofoca a meu respeito e tentaram fazer com que outras pessoas não gostassem de mim. Outras formas. |
| Tipos de <i>bullying</i> | Verbal, Físico, Relacional |
| Tempo de duração do <i>bullying</i> | Duraram uma semana, Duraram várias semanas, Duraram todo este ano, Há vários anos |
| Quantidade de agressores segundo as vítimas de <i>bullying</i> | Principalmente 1 colega, 2 ou 3 colegas, 4 a 9 colegas, Mais de 9 colegas, Não posso dizer quantos |
| Gênero dos agressores segundo as vítimas de <i>bullying</i> | Principalmente meninos, Tanto meninos como meninas, Principalmente meninas, meninas |
| Sentimentos das vítimas de <i>bullying</i> | Não incomodou, Ficou preocupado sobre o que os outros |

| | |
|--|--|
| | pensariam, Ficou assustado, Ficou mal, Sentiu raiva, Sentiu medo, Não queria mais ir para escola, Outra Forma |
| Reações ou atitudes das vítimas de <i>bullying</i> | Chorou, Fugiu, Não dei atenção, ignorou, Pediu que parassem, Pediu ajuda a um adulto, Defendeu, Outra |
| O relato das vítimas de <i>bullying</i> a outras pessoas sobre as agressões sofridas | Não falou com ninguém, Diretor, professor ou outro funcionário, Pais ou responsáveis, Irmãos ou irmãs, Amigos ou Amigas, Outros. |
| Tentativa dos professores para impedir as agressões | Não, porque eles não sabiam, Não, eles não tentaram nada, Sim, eles tentaram, mas piorou, Sim, eles tentaram, mas continuou a acontecer, Sim, eles tentaram, e diminuiu, Sim, eles tentaram e não aconteceu mais |
| Tentativa de um algum membro da família para impedir as agressões | Não, porque eles não sabiam, Não, eles não tentaram nada, Sim, eles tentaram, mas piorou, Sim, eles tentaram, mas continuou a acontecer, Sim, eles tentaram, e diminuiu, Sim, eles tentaram e não aconteceu mais |
| Tentativa dos colegas para impedir as agressões | Não, porque eles não sabiam, Não, eles não tentaram nada, Sim, eles tentaram, mas piorou, Sim, eles tentaram, mas continuou a acontecer, Sim, eles tentaram, e diminuiu, Sim, eles tentaram e não aconteceu mais |
| Local do corpo atingido | Cabeça, Face, Pescoço, Outra região |
| Formas de agressão física | Empurrões, Socos e/ou tapas, chutes, Esfaqueamento, Tiro com arma de fogo, Arma de Fogo, Outra |
| Presença de lesão na cavidade oral | Sim, Não |
| Presença de lesão no tecido mole | Sim, Não |
| Local da lesão no tecido mole | Lábio superior, Lábua inferior, Bochecha, Língua, Mucosa alveolar, Soalho Bucal, Palato, Outro |
| Fratura óssea | Sim, Não |
| Fratura dentária | Sim, Não |

Quadro 1 - Tipos e descrição das variáveis estudadas

4.11 Análise Estatística

Para análise dos dados foram obtidas distribuições absolutas, percentuais uni e bivariadas e as medidas estatísticas: média e desvio padrão (Técnicas de estatística descritiva) e foram utilizadas Técnicas de estatística inferencial através do teste Qui-quadrado de Pearson ou o teste Exato de Fisher quando as condições para utilização do teste do Qui-quadrado não foram verificadas. Na análise bivariada

foram obtidos valores do odds ratio e intervalos de confiança para os referidos parâmetros.

O nível de significância utilizado nas decisões dos testes estatísticos foi de 5% e os intervalos foram obtidos com 95,0% de confiança.

O software utilizado para digitação dos dados e obtenção dos cálculos estatísticos foi o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) na versão 15.

5. RESULTADOS

A idade dos alunos variou de 13 a 17 anos com média de 14,22 anos, desvio padrão de 1,14 anos e coeficiente de variação de 8,02%.

Na Tabela 1 são apresentados os dados sobre o perfil dos estudantes. Do total da amostra, 54,1% eram do gênero feminino, 34,3% cursavam o 8º ano do ensino fundamental, 61,1% estudavam no turno da manhã e 15,2% estavam matriculados na Escola Municipal Roberto Simonsen.

Tabela 1 – Avaliação do perfil dos pesquisados segundo a idade, gênero, o ano escolar, o turno e a escola

| Variável | n | % |
|-------------------------------|-----|------|
| Idade | | |
| 13 | 170 | 32,4 |
| 14 | 172 | 32,8 |
| 15 | 105 | 20,0 |
| 16 | 53 | 10,1 |
| 17 | 25 | 4,8 |
| Gênero | | |
| Masculino | 241 | 45,9 |
| Feminino | 284 | 54,1 |
| Ano escolar | | |
| 6º | 48 | 9,1 |
| 7º | 158 | 30,1 |
| 8º | 180 | 34,3 |
| 9º | 139 | 26,5 |
| Turno | | |
| Manhã | 321 | 61,1 |
| Tarde | 204 | 38,9 |
| Escola | | |
| Lafayette Cavalcante | 54 | 10,3 |
| CEAI Governador Antonio Mariz | 21 | 4,0 |
| Padre Antonio | 58 | 11,0 |
| Manoel da Costa Cirne | 35 | 6,7 |
| Dr. Francisco Brasileiro | 27 | 5,1 |
| CEAI João Pereira de Assis | 70 | 13,3 |
| Roberto Simonsen | 80 | 15,2 |
| Maria das Vitórias | 25 | 4,8 |
| Henrique Guilhermino | 35 | 6,7 |
| CEAI Elpidio de Almeida | 24 | 4,6 |

| | | |
|------------------------|------------|--------------|
| Tiradentes | 30 | 5,7 |
| Frei Dagoberto Stucker | 22 | 4,2 |
| Lions Prata | 30 | 5,7 |
| São Clemente | 14 | 2,7 |
| TOTAL | 525 | 100,0 |

Conforme dados apresentados na Tabela 2, 30,4% dos entrevistados reportaram não possuir bons amigos na turma e 38,9% afirmaram sofrer *bullying* na escola uma ou duas vezes no ano da coleta.

As vítimas de *bullying* corresponderam a 23,6%, ou seja, alunos que sofreram esse tipo de violência 3 ou mais vezes no ano da coleta. Através da técnica de intervalo se estima com 95,0% de confiabilidade que o referido percentual na população da qual a amostra foi extraída varia 20,0% a 27,2%. Desses, 76,2% sofreram agressões por meio de apelidos ou xingamentos, 33,6% por mentiras ou difamações e 18,0% por agressões físicas, sendo que um pesquisado pode ter sofrido mais de uma maneira. De acordo com o tipo de *bullying* sofrido, 87,7% das vítimas de *bullying* sofreram o verbal, 37,7% o relacional e 19,7% o físico, com a ressalva que um mesmo aluno poderia ter sido vítima de mais de um tipo de *bullying*.

Tabela 2 – Distribuição dos pesquisados segundo quantidade de bons amigos na turma, frequência do *bullying*, vítimas de *bullying*, maneiras e tipos de *bullying*.

| Variável | n | % |
|---|------------|--------------|
| Quantos bons amigos você tem na sua turma? | | |
| Nenhum | 158 | 30,4 |
| Um bom amigo | 95 | 18,3 |
| 2 ou 3 bons amigos | 152 | 29,2 |
| 4 ou 5 bons amigos | 70 | 13,5 |
| Mais de 5 bons amigos | 45 | 8,7 |
| TOTAL⁽¹⁾ | 520 | 100,0 |
| Com que frequência você tem sido vítima de <i>bullying</i> nesse ano? | | |
| Não sofreu <i>bullying</i> | 197 | 37,5 |
| Uma ou duas vezes | 204 | 38,9 |
| 3 a 6 vezes | 62 | 11,8 |
| Uma vez por semana | 12 | 2,3 |
| Várias vezes por semana | 50 | 9,5 |
| TOTAL | 525 | 100,0 |
| Vítima de <i>bullying</i> | | |
| Sim | 124 | 23,6 |
| Não | 401 | 76,4 |
| TOTAL | 525 | 100,0 |
| De que maneira você sofreu <i>bullying</i> nesse ano? | | |
| Me empurraram, chutaram e bateram | 22 | 18,0 |
| Ameaçaram | 19 | 15,6 |
| Colocaram apelidos, xingaram ou riram dele | 93 | 76,2 |
| Estragaram ou pegaram suas coisas ou seu dinheiro | 4 | 3,3 |
| Xingaram e insultaram por causa da sua cor ou raça | 9 | 7,4 |
| Não deixaram ele conversar, ficar junto ou brincar com outros colegas | 10 | 8,2 |
| Contaram mentiras ou fizeram fofoca a seu respeito e tentaram fazer com que outras pessoas não gostassem dele | 41 | 33,6 |
| Outras formas | 4 | 3,3 |
| BASE^(2,3) | 122 | |
| Tipo de <i>bullying</i> | | |
| Físico | 24 | 19,7 |
| Verbal | 107 | 87,7 |
| Relacional | 46 | 37,7 |
| BASE^(2, 3) | 122 | |

(1): Para 5 pesquisados não se dispõe desta informação.

(2): Considerando que um pesquisado poderia citar mais de uma alternativa, registra-se a base para o cálculo dos percentuais e não o total.

(3): Para dois pesquisados não se dispõe desta informação.

Na tabela 3, observa-se que um terço das vítimas relataram que as agressões duraram por várias semanas, 44,7% afirmaram sofrer *bullying* por 2 ou 3 colegas e 41,5% reportaram sofrer as agressões tanto por meninos como por meninas.

Tabela 3 – Distribuição das vítimas de *bullying* segundo a duração do *bullying*, a quantidade e o gênero dos agressores

| Variável | n | % |
|---|------------|--------------|
| Por quanto tempo você tem sido vítima de <i>bullying</i> nesse ano? | | |
| Por uma semana | 20 | 16,3 |
| Por várias semanas | 41 | 33,3 |
| Durante todo este ano | 31 | 25,2 |
| Durante vários anos | 31 | 25,2 |
| TOTAL ⁽¹⁾ | 123 | 100,0 |
| Costuma sofrer <i>bullying</i> por um ou por vários colegas? | | |
| Principalmente por um colega | 20 | 16,3 |
| 2 ou 3 colegas | 55 | 44,7 |
| 4 a 9 colegas | 16 | 13,0 |
| Mais de 9 colegas | 13 | 10,6 |
| Não posso dizer quantos | 19 | 15,4 |
| TOTAL ⁽¹⁾ | 123 | 100,0 |
| Costuma sofrer <i>bullying</i> praticado por meninos ou por meninas? | | |
| Só por meninos | 35 | 28,5 |
| Principalmente por meninos | 23 | 18,7 |
| Tanto por meninos como por meninas | 51 | 41,5 |
| Principalmente por meninas | 7 | 5,7 |
| Só por meninas | 7 | 5,7 |
| TOTAL ⁽¹⁾ | 123 | 100,0 |

(1): Para um pesquisado não se dispõe desta informação.

Após as agressões sofridas, 48,8% das vítimas de *bullying* expressaram sentimento de raiva, 33,3% não se incomodaram e 31,7% ficaram preocupados com sua imagem. Em relação às reações assumidas por esses alunos frente às agressões, verificou-se que 52,0% reagiram não dando atenção aos agressores, ou seja, ignorando-os, 38,2% se defenderam e 19,5% pediram que os agressores parassem. Ainda sobre esses alunos, 40,7% não informaram a ninguém sobre o *bullying* que sofreram, porém dentre aqueles que relataram, a maioria (31,7%) contou para os amigos ou colegas (Tabela 4).

Tabela 4 – Distribuição das vítimas de *bullying* segundo sentimentos, reações e relato após sofrer *bullying*

| Variável | n | % |
|--|------------|------|
| Como se sentiu quando sofreu <i>bullying</i> nesse ano? | | |
| Não incomodou | 41 | 33,3 |
| Ficou preocupado sobre o que os outros pensariam dele | 39 | 31,7 |
| Ficou assustado | 5 | 4,1 |
| Ficou mal | 22 | 17,9 |
| Ficou com raiva | 60 | 48,8 |
| Ficou com medo | 9 | 7,3 |
| Não quis mais ir à escola | 14 | 11,4 |
| Outro sentimento | 5 | 4,1 |
| BASE^(1, 2) | 123 | |
| O que fez quando sofreu <i>bullying</i> nesse ano? | | |
| Chorou | 20 | 16,3 |
| Fugiu | 2 | 1,6 |
| Não deu atenção (ignorou) | 64 | 52,0 |
| Pediu que parassem | 24 | 19,5 |
| Pediu ajuda a um adulto (professor, coordenador, etc.) | 19 | 15,4 |
| Se defendeu | 47 | 38,2 |
| Fez outra coisa | 6 | 4,9 |
| BASE^(1, 2) | 123 | |
| Contou a alguém que sofreu <i>bullying</i> nesse ano? | | |
| Não contou para ninguém | 50 | 40,7 |
| Contou para o diretor, professor, outro funcionário | 24 | 19,5 |
| Contou para os pais ou responsáveis | 26 | 21,1 |
| Contou para os irmãos e irmãs | 11 | 8,9 |
| Contou para amigos e colegas | 39 | 31,7 |
| Outros | 1 | 0,8 |
| BASE^(1, 2) | 123 | |

(1): Para um pesquisado não se dispõe desta informação.

(2): Considerando que um pesquisado poderia citar mais de uma alternativa, registra-se a base para o cálculo dos percentuais e não o total.

As vítimas de *bullying* foram questionadas sobre a intervenção de professores, familiares ou colegas para tentar impedir as agressões. Constatou-se que 39,7% e 62,6%, respectivamente, responderam que os professores e familiares não tentaram intervir, porque não sabiam que eles estavam sofrendo *bullying* e 28,9% afirmaram que colegas não tomaram nenhuma atitude (Tabela 5).

Tabela 5 – Distribuição das vítimas de *bullying* segundo tentativa por parte de professores, familiares e colegas para impedir as agressões

| Variável | n | % |
|---|------------|--------------|
| Algum dos seus professores tentou impedir que você sofresse <i>bullying</i> nesse ano? | | |
| Não, porque eles não sabiam que ele estava sofrendo <i>bullying</i> | 48 | 39,7 |
| Não, eles não tentaram nada | 20 | 16,5 |
| Sim, alguns deles tentaram ajudar, mas piorou | 9 | 7,4 |
| Sim, eles tentaram, mas continuou a acontecer | 29 | 24,0 |
| Sim, eles tentaram, e diminuiu | 11 | 9,1 |
| Sim, eles tentaram e não aconteceu mais | 4 | 3,3 |
| TOTAL⁽¹⁾ | 121 | 100,0 |
| Alguém da sua família tentou impedir que você sofresse <i>bullying</i> nesse ano? | | |
| Não, porque eles não sabiam que ele estava sofrendo <i>bullying</i> | 77 | 62,6 |
| Não, eles não tentaram nada | 11 | 8,9 |
| Sim, alguns deles tentaram ajudar, mas piorou | 2 | 1,6 |
| Sim, eles tentaram, mas continuou a acontecer | 16 | 13,0 |
| Sim, eles tentaram, e diminuiu | 9 | 7,3 |
| Sim, eles tentaram e não aconteceu mais | 8 | 6,5 |
| TOTAL⁽²⁾ | 123 | 100,0 |
| Algum dos seus colegas tentou impedir que você sofresse <i>bullying</i> nesse ano? | | |
| Não, porque eles não sabiam que ele estava sofrendo <i>bullying</i> | 11 | 9,1 |
| Não, eles não tentaram nada | 35 | 28,9 |
| Sim, alguns deles tentaram ajudar, mas piorou | 17 | 14,0 |
| Sim, eles tentaram, mas continuou a acontecer | 28 | 23,1 |
| Sim, eles tentaram, e diminuiu | 23 | 19,0 |
| Sim, eles tentaram e não aconteceu mais | 7 | 5,8 |
| TOTAL⁽¹⁾ | 121 | 100,0 |

(1): Para três pesquisados não se dispõe desta informação.

(2): Para um pesquisado não se dispõe desta informação.

Na tabela 6, verifica-se que 18,0% das vítimas de *bullying* relataram sofrer agressões físicas, dos quais 72,7% afirmaram que os empurrões se configuraram como a principal forma de agressão. Com relação ao local do corpo atingido, lesões na face foram reportadas por 36,4%, sendo que em 50,0% desses alunos houve o envolvimento da cavidade oral com 100% atingindo o tecido mole, sendo o lábio superior (50,0%) e o lábio inferior (50,0%) as regiões mais acometidas. Não foram registradas fraturas dos ossos faciais ou fratura dentárias.

Tabela 6 – Distribuição das vítimas de *bullying* por agressão física segundo as questões relacionadas às lesões maxilofaciais

| Variável | n | % |
|--|------------|--------------|
| Vítima de <i>bullying</i> por agressão física | | |
| Sim | 22 | 18,0 |
| Não | 100 | 82,0 |
| TOTAL | 122 | 100,0 |
| Formas de agressão | | |
| Empurrões | 16 | 72,7 |
| Socos/ Tapas | 15 | 68,2 |
| Chutes | 8 | 36,4 |
| Arma branca | - | - |
| Arma de fogo | - | - |
| Outra | - | - |
| BASE⁽¹⁾ | 22 | |
| Local do corpo atingido | | |
| Cabeça | 7 | 31,8 |
| Face | 8 | 36,4 |
| Pescoço | 4 | 18,2 |
| Outra região | 21 | 95,5 |
| BASE⁽¹⁾ | 22 | |
| Presença de lesão na cavidade oral | | |
| Sim | 4 | 50,0 |
| Não | 4 | 50,0 |
| TOTAL | 8 | 100,0 |
| Presença de lesão no tecido mole | | |
| Sim | 4 | 100,0 |
| Não | - | - |
| TOTAL | 4 | 100,0 |
| Local da lesão no tecido mole | | |
| Bochecha | 1 | 25,0 |
| Língua | - | - |
| Mucosa alveolar | - | - |

| | | |
|---------------------------|-----------|--------------|
| Lábio inferior | 2 | 50,0 |
| Lábio superior | 2 | 50,0 |
| Assoalho bucal | - | - |
| Palato | - | - |
| Outro | - | - |
| BASE⁽¹⁾ | 4 | |
| Fratura óssea | | |
| Sim | - | - |
| Não | 22 | 100,0 |
| Fratura dentária | | |
| Sim | - | - |
| Não | 22 | 100,0 |
| TOTAL | 22 | 100,0 |

(1): Considerando que um pesquisado tenha citado mais de uma alternativa, registra-se a base para o cálculo dos percentuais e não o total.

Na Tabela 7 se analisa a associação entre o gênero e três questões sobre ser vítima de *bullying*. Desta tabela se destaca: as maiores diferenças entre os gêneros foram registradas nas categorias e questões: “Por várias semanas” em relação ao tempo que foi vítima de *bullying* na escola no último ano, sendo este o percentual mais elevado no gênero feminino do que masculino (45,8% *versus* 25,3%); costuma sofrer *bullying* na escola por dois ou três colegas mais elevado no gênero feminino (58,3% *versus* 36,0%); e na questão: “Costuma sofrer *bullying* praticado por meninos ou por meninas” nas categorias: “Principalmente por meninos”, mais elevado no gênero masculino (26,7% *versus* 6,3%) e “Só por meninos”, mais elevado no gênero masculino do que feminino (36,0% *versus* 16,7%). Entretanto foram registradas diferenças significativas entre o gênero com as duas últimas questões contidas na tabela.

Tabela 7 – Avaliação da duração do *bullying*, da quantidade e do gênero dos agressores segundo o gênero

| Variável | Gênero | | | | Grupo Total | | Valor de p | OR (IC a 95%) |
|--|-----------|--------------|-----------|--------------|-------------|--------------|---------------------------|--------------------|
| | Masculino | | Feminino | | | | | |
| | n | % | n | % | n | % | | |
| Por quanto tempo você tem sido vítima de <i>bullying</i> na escola nesse ano? | | | | | | | | |
| Por uma semana | 16 | 21,3 | 4 | 8,3 | 20 | 16,2 | p ⁽¹⁾ = 0,062 | 1,90 (0,50 a 7,20) |
| Por várias semanas | 19 | 25,3 | 22 | 45,8 | 41 | 33,3 | | 0,41 (0,16 a 1,08) |
| Durante todo este ano | 19 | 25,3 | 12 | 25,0 | 31 | 25,2 | | 0,75 (0,27 a 2,14) |
| Durante vários anos | 21 | 28,00 | 10 | 20,8 | 31 | 25,2 | | 1,00 |
| Costuma sofrer <i>bullying</i> na escola por um ou por vários colegas? | | | | | | | | |
| Não pode dizer quantos | 16 | 21,3 | 3 | 6,3 | 19 | 15,4 | p ⁽¹⁾ = 0,033* | 1,60 (0,27 a 9,53) |
| Principalmente por um | 14 | 18,7 | 6 | 12,5 | 20 | 16,3 | | 0,70 (0,14 a 3,49) |
| 2 ou 3 | 27 | 36,0 | 28 | 58,3 | 55 | 44,7 | | 0,29 (0,07 a 1,17) |
| 4 a 9 | 8 | 10,7 | 8 | 16,7 | 16 | 13,0 | | 0,30 (0,06 a 1,52) |
| Mais de 9 | 10 | 13,3 | 3 | 6,3 | 13 | 10,6 | | 1,00 |
| Costuma sofrer <i>bullying</i> praticado por meninos ou por meninas? | | | | | | | | |
| Só por meninos | 27 | 36,0 | 8 | 16,7 | 35 | 28,5 | p ⁽²⁾ < 0,001* | ** |
| Principalmente por meninos | 20 | 26,7 | 3 | 6,3 | 23 | 18,7 | | ** |
| Tanto por meninos como por meninas | 26 | 34,7 | 25 | 52,1 | 51 | 41,5 | | ** |
| Principalmente por meninas | 2 | 2,7 | 5 | 10,4 | 7 | 5,7 | | ** |
| Só por meninas | - | - | 7 | 14,6 | 7 | 5,7 | | ** |
| TOTAL | 75 | 100,0 | 48 | 100,0 | 123 | 100,0 | | |

(*): Diferença significativa ao nível de 5,0%.

(1): Através do teste Qui-quadrado de Pearson.

(2): Através do teste Exato de Fisher.

Nas Tabelas 8 dados da associação se foi vítima de *bullying* e cada tipo de *bullying* segundo as variáveis: faixa etária, gênero, ano cursado, turno e número de bons amigos que tem na turma.

Verifica-se na Tabela 8 que não houve associação significativa entre a idade dos escolares e a variável vítimas de *bullying* (p=0,477). Dos alunos de 13 e 14 anos idade, concomitantemente, 23,5% e 27,3%, foram vítimas de *bullying*. Os meninos apresentaram 2,26 vezes mais chances de serem vítimas do que as meninas (p < 0,001; IC 95%: 1,50-3,42). Os alunos do 6º e 7º ano de escolaridade possuíram os seguintes percentuais de vitimização, respectivamente, 25,0% e 25,3% (p=0,877). Prevalências semelhantes de vitimização foram observadas entre os turnos que os alunos estudavam (manhã = 23,7%; tarde = 23,5%; p= 0,969). Dos estudantes que afirmaram possuir 4 ou 5 bons amigos, 27,1% foram vítimas de *bullying* (p=0,958).

Tabela 8 – Avaliação das vítimas de *bullying* segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma

| Variável | Vítimas de <i>bullying</i> | | | | | | Valor de p | OR (IC a 95%) |
|---|----------------------------|-------------|------------|-------------|-------------|--------------|---------------------------|--------------------|
| | Sim | | Não | | Grupo Total | | | |
| | n | % | n | % | n | % | | |
| Faixa etária | | | | | | | | |
| 13 | 40 | 23,5 | 130 | 76,5 | 170 | 100,0 | p ⁽¹⁾ = 0,477 | 1,19 (0,62 a 2,29) |
| 14 | 47 | 27,3 | 125 | 72,7 | 172 | 100,0 | | 1,46 (0,77 a 2,77) |
| 15 | 21 | 20,0 | 84 | 80,0 | 105 | 100,0 | | 0,97 (0,47 a 2,01) |
| 16 a 17 | 16 | 20,5 | 62 | 79,5 | 78 | 100,0 | | 1,00 |
| Grupo Total | 124 | 23,6 | 401 | 76,4 | 525 | 100,0 | | |
| Gênero | | | | | | | | |
| Masculino | 76 | 31,5 | 165 | 68,5 | 241 | 100,0 | p ⁽¹⁾ < 0,001* | 2,26 (1,5 a 3,42) |
| Feminino | 48 | 16,9 | 236 | 83,1 | 284 | 100,0 | | 1,00 |
| Grupo Total | 124 | 23,6 | 401 | 76,4 | 525 | 100,0 | | |
| Ano escolar | | | | | | | | |
| 6 ^o | 12 | 25,0 | 36 | 75,0 | 48 | 100,0 | p ⁽¹⁾ = 0,877 | 1,07 (0,5 a 2,29) |
| 7 ^o | 40 | 25,3 | 118 | 74,7 | 158 | 100,0 | | 1,09 (0,64 a 1,85) |
| 8 ^o | 39 | 21,7 | 141 | 78,3 | 180 | 100,0 | | 0,89 (0,52 a 1,51) |
| 9 ^o | 33 | 23,7 | 106 | 76,3 | 139 | 100,0 | | 1,00 |
| TOTAL | 124 | 23,6 | 401 | 76,4 | 525 | 100,0 | | |
| Turno | | | | | | | | |
| Manhã | 76 | 23,7 | 245 | 76,3 | 321 | 100,0 | p ⁽¹⁾ = 0,969 | 1,01 (0,67 a 1,52) |
| Tarde | 48 | 23,5 | 156 | 76,5 | 204 | 100,0 | | 1,00 |
| Grupo Total | 124 | 23,6 | 401 | 76,4 | 525 | 100,0 | | |
| Número de bons amigos que tem na turma | | | | | | | | |
| Nenhum | 38 | 24,1 | 120 | 75,9 | 158 | 100,0 | p ⁽¹⁾ = 0,958 | 1,12 (0,61 a 2,05) |
| 1 | 21 | 22,1 | 74 | 77,9 | 95 | 100,0 | | 1,00 |
| 2 ou 3 | 35 | 23,0 | 117 | 77,0 | 152 | 100,0 | | 1,05 (0,57 a 1,95) |
| 4 ou 5 | 19 | 27,1 | 51 | 72,9 | 70 | 100,0 | | 1,31 (0,64 a 2,69) |
| 6 ou mais | 11 | 24,4 | 34 | 75,6 | 45 | 100,0 | | 1,14 (0,49 a 2,63) |
| Grupo Total | 124 | 23,8 | 396 | 76,2 | 520 | 100,0 | | |

(*): Diferença significativa ao nível de 5,0%.

(1): Através do teste Qui-quadrado de Pearson.

Nas Tabelas 9 a 12 são analisados os tipos de *bullying* somente entre as vítimas de *bullying*.

Embora não tenha se verificado associação significativa entre o tipo de *bullying* físico com as variáveis contidas na Tabela 9 ($p > 0,05$) se destaca que: nenhum dos alunos da faixa etária de 16 a 17 anos foi vítima de *bullying* físico, enquanto o percentual de alunos que foi vítima nas outras três outras faixas etárias variou de 17,5% a 26,1%. O percentual de vítimas foi mais elevado entre os alunos do 6º ano (41,7%) e variou de 15,6% a 18,4% nas outros anos.

Tabela 9 – Avaliação do *bullying* físico segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma

| Variável | Bullying Físico | | | | Grupo Total | | Valor de p | OR (IC a 95%) |
|---|-----------------|-------------|-----------|-------------|-------------|--------------|--------------------------|---------------------|
| | Sim | | Não | | | | | |
| | n | % | n | % | n | % | | |
| Faixa etária | | | | | | | | |
| 13 | 7 | 17,5 | 33 | 82,5 | 40 | 100,0 | p ⁽¹⁾ = 0,099 | ** |
| 14 | 12 | 26,1 | 34 | 73,9 | 46 | 100,0 | | ** |
| 15 | 5 | 25,0 | 15 | 75,0 | 20 | 100,0 | | ** |
| 16 a 17 | - | - | 16 | 100,0 | 16 | 100,0 | | ** |
| Grupo Total | 24 | 19,7 | 98 | 80,3 | 122 | 100,0 | | |
| Gênero | | | | | | | | |
| Masculino | 14 | 18,4 | 62 | 81,6 | 76 | 100,0 | p ⁽²⁾ = 0,655 | 1,00 |
| Feminino | 10 | 21,7 | 36 | 78,3 | 46 | 100,0 | | 1,23 (0,50 a 3,05) |
| Grupo Total | 24 | 19,7 | 98 | 80,3 | 122 | 100,0 | | |
| Ano escolar | | | | | | | | |
| 6º | 5 | 41,7 | 7 | 58,3 | 12 | 100,0 | p ⁽²⁾ = 0,244 | 3,86 (0,87 a 17,16) |
| 7º | 7 | 17,5 | 33 | 82,5 | 40 | 100,0 | | 1,15 (0,33 a 4,02) |
| 8º | 7 | 18,4 | 31 | 81,6 | 38 | 100,0 | | 1,22 (0,35 a 4,29) |
| 9º | 5 | 15,6 | 27 | 84,4 | 32 | 100,0 | | 1,00 |
| TOTAL | 24 | 19,7 | 98 | 80,3 | 122 | 100,0 | | |
| Turno | | | | | | | | |
| Manhã | 15 | 19,7 | 61 | 80,3 | 76 | 100,0 | p ⁽²⁾ = 0,982 | 1,01 (0,40 a 2,54) |
| Tarde | 9 | 19,6 | 37 | 80,4 | 46 | 100,0 | | 1,00 |
| Grupo Total | 24 | 19,7 | 98 | 80,3 | 122 | 100,0 | | |
| Número de bons amigos que tem na turma | | | | | | | | |
| Nenhum | 3 | 27,3 | 8 | 72,7 | 11 | 100,0 | p ⁽¹⁾ = 0,533 | ** |
| 1 | 8 | 21,1 | 30 | 78,9 | 38 | 100,0 | | ** |
| 2 ou 3 | 2 | 10,0 | 18 | 90,0 | 20 | 100,0 | | ** |
| 4 ou 5 | 9 | 25,7 | 26 | 74,3 | 35 | 100,0 | | ** |
| 6 ou mais | 2 | 11,1 | 16 | 88,9 | 18 | 100,0 | | ** |
| Grupo Total | 24 | 19,7 | 98 | 80,3 | 122 | 100,0 | | |

(**): Não foi possível determinar devido à ocorrência de frequências nulas ou muito baixas.

(1): Através do teste Exato de Fisher.

(2): Através do teste Qui-quadrado de Pearson.

A respeito de não ter sido verificada associação significativa entre o tipo de *bullying* verbal com as variáveis contidas na Tabela 10 ($p > 0,05$) se destaca que: o percentual que sofreu *bullying*: foi menos elevado (68,8%) entre os alunos da faixa etária de 16 a 17 anos do que nas outras três faixas etárias (variou de 89,1% a 92,5%); foi mais elevado (100,0%) entre os que tinham 2 a 3 bons amigos e variou de 84,2% (entre os que tinham um bom amigo) a 90,9% (entre os que não tinham bons amigos).

Tabela 10 – Avaliação do *bullying* verbal segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma

| Variável | Bullying Verbal | | | | Grupo Total | | Valor de p | OR (IC a 95%) |
|---|-----------------|-------------|-----------|-------------|-------------|--------------|-------------------|--------------------|
| | Sim | | Não | | | | | |
| | n | % | n | % | n | % | | |
| Faixa etária | | | | | | | | |
| 13 | 37 | 92,5 | 3 | 7,5 | 40 | 100,0 | $p^{(1)} = 0,128$ | ** |
| 14 | 41 | 89,1 | 5 | 10,9 | 46 | 100,0 | | ** |
| 15 | 18 | 90,0 | 2 | 10,0 | 20 | 100,0 | | ** |
| 16 a 17 | 11 | 68,8 | 5 | 31,3 | 16 | 100,0 | | ** |
| Grupo Total | 107 | 87,7 | 15 | 12,3 | 122 | 100,0 | | |
| Gênero | | | | | | | | |
| Masculino | 67 | 88,2 | 9 | 11,8 | 76 | 100,0 | $p^{(2)} = 0,845$ | 1,12 (0,37 a 3,37) |
| Feminino | 40 | 87,0 | 6 | 13,0 | 46 | 100,0 | | 1,00 |
| Grupo Total | 107 | 87,7 | 15 | 12,3 | 122 | 100,0 | | |
| Ano escolar | | | | | | | | |
| 6º | 10 | 83,3 | 2 | 16,7 | 12 | 100,0 | $p^{(1)} = 0,797$ | ** |
| 7º | 36 | 90,0 | 4 | 10,0 | 40 | 100,0 | | ** |
| 8º | 34 | 89,5 | 4 | 10,5 | 38 | 100,0 | | ** |
| 9º | 27 | 84,4 | 5 | 15,6 | 32 | 100,0 | | ** |
| TOTAL | 107 | 87,7 | 15 | 12,3 | 122 | 100,0 | | |
| Turno | | | | | | | | |
| Manhã | 66 | 86,8 | 10 | 13,2 | 76 | 100,0 | $p^{(2)} = 0,709$ | 1,00 |
| Tarde | 41 | 89,1 | 5 | 10,9 | 46 | 100,0 | | 1,24 (0,40 a 3,89) |
| Grupo Total | 107 | 87,7 | 15 | 12,3 | 122 | 100,0 | | |
| Número de bons amigos que tem na turma | | | | | | | | |
| Nenhum | 10 | 90,9 | 1 | 9,1 | 11 | 100,0 | $p^{(1)} = 0,364$ | ** |
| 1 | 32 | 84,2 | 6 | 15,8 | 38 | 100,0 | | ** |
| 2 ou 3 | 20 | 100,0 | - | - | 20 | 100,0 | | ** |
| 4 ou 5 | 30 | 85,7 | 5 | 14,3 | 35 | 100,0 | | ** |
| 6 ou mais | 15 | 83,3 | 3 | 16,7 | 18 | 100,0 | | ** |
| Grupo Total | 107 | 87,7 | 15 | 12,3 | 122 | 100,0 | | |

(**): Não foi possível determinar devido à ocorrência de frequências nulas ou muito baixas.

(1): Através do teste Exato de Fisher.

(2): Através do teste Qui-quadrado de Pearson.

Na Tabela 11 é possível verificar que o gênero foi a única variável que mostrou associação significativa com a ocorrência de *bullying* relacional ($p < 0,05$). Para a referida variável se destaca que o percentual de alunos vítimas de *bullying* foi bem mais elevado entre os estudantes do gênero feminino do que do gênero masculino (60,9% versus 23,7%).

Tabela 11 – Avaliação do *bullying* relacional segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma

| Variável | Bullying Relacional | | | | Grupo Total | | Valor de p | OR (IC a 95%) |
|---|---------------------|-------------|-----------|-------------|-------------|--------------|---------------------|---------------------|
| | Sim | | Não | | | | | |
| | n | % | n | % | N | % | | |
| Faixa etária | | | | | | | | |
| 13 | 13 | 32,5 | 27 | 67,5 | 40 | 100,0 | $p^{(1)} = 0,759$ | 1,00 |
| 14 | 20 | 43,5 | 26 | 56,5 | 46 | 100,0 | | 1,60 (0,66 a 3,86) |
| 15 | 7 | 35,0 | 13 | 65,0 | 20 | 100,0 | | 1,12 (0,36 a 3,47) |
| 16 a 17 | 6 | 37,5 | 10 | 62,5 | 16 | 100,0 | | 1,25 (0,37 a 4,18) |
| Grupo Total | 46 | 37,7 | 76 | 62,3 | 122 | 100,0 | | |
| Gênero | | | | | | | | |
| Masculino | 18 | 23,7 | 58 | 76,3 | 76 | 100,0 | $p^{(1)} < 0,001^*$ | 1,00 |
| Feminino | 28 | 60,9 | 18 | 39,1 | 46 | 100,0 | | 5,01 (2,27 a 11,09) |
| Grupo Total | 46 | 37,7 | 76 | 62,3 | 122 | 100,0 | | |
| Ano escolar | | | | | | | | |
| 6 ^o | 3 | 25,0 | 9 | 75,0 | 12 | 100,0 | $p^{(1)} = 0,348$ | 1,00 |
| 7 ^o | 12 | 30,0 | 28 | 70,0 | 40 | 100,0 | | 1,29 (0,30 a 5,60) |
| 8 ^o | 16 | 42,1 | 22 | 57,9 | 38 | 100,0 | | 2,18 (0,51 a 9,36) |
| 9 ^o | 15 | 46,9 | 17 | 53,1 | 32 | 100,0 | | 2,65 (0,60 a 11,62) |
| TOTAL | 46 | 37,7 | 76 | 62,3 | 122 | 100,0 | | |
| Turno | | | | | | | | |
| Manhã | 28 | 36,8 | 48 | 63,2 | 76 | 100,0 | $p^{(1)} = 0,800$ | 1,00 |
| Tarde | 18 | 39,1 | 28 | 60,9 | 46 | 100,0 | | 1,10 (0,52 a 2,34) |
| Grupo Total | 46 | 37,7 | 76 | 62,3 | 122 | 100,0 | | |
| Número de bons amigos que tem na turma | | | | | | | | |
| Nenhum | 5 | 45,5 | 6 | 54,5 | 11 | 100,0 | $p^{(1)} = 0,543$ | 1,81 (0,46 a 7,10) |
| 1 | 12 | 31,6 | 26 | 68,4 | 38 | 100,0 | | 1,00 |
| 2 ou 3 | 9 | 45,0 | 11 | 55,0 | 20 | 100,0 | | 1,77 (0,58 a 5,41) |
| 4 ou 5 | 11 | 31,4 | 24 | 68,6 | 35 | 100,0 | | 0,99 (0,37 a 2,67) |
| 6 ou mais | 9 | 50,0 | 9 | 50,0 | 18 | 100,0 | | 2,17 (0,69 a 6,84) |
| Grupo Total | 46 | 37,7 | 76 | 62,3 | 122 | 100,0 | | |

(*): Diferença significativa ao nível de 5,0%.

(1): Através do teste Qui-quadrado de Pearson

Com relação a Tabela 12 é possível destacar que: na faixa etária de 16 e 17 anos nenhum pesquisado foi vítima de *bullying* por agressão física enquanto que o percentual de alunos com este tipo de violência variou de 15,0% (com 13 anos) até 23,8% (com 15 anos); foi mais elevado entre os alunos do 6º ano e menos elevado entre os alunos do 9º ano (33,3% *versus* 12,1%); foi menos elevado entre os estudantes que tinham apenas um bom amigo (4,8%) e foi mais elevado entre os que não tinham bons amigos (27,3%). Entretanto não se verificou associação significativa de nenhuma variável com a ocorrência de vítima de *bullying* por agressão física ($p > 0,05$).

Tabela 12 – Avaliação das vítimas de *bullying* por agressão física segundo a faixa etária, gênero, ano escolar, turno e número de bons amigos que tem na turma

| Variável | <i>Bullying</i> por agressão física | | | | | | Valor de p | OR (IC a 95%) |
|---|-------------------------------------|-------------|------------|-------------|-------------|--------------|-------------------|---------------------|
| | Sim | | Não | | Grupo Total | | | |
| | n | % | n | % | n | % | | |
| Grupo Total | 22 | 17,7 | 102 | 82,3 | 124 | 100,0 | | |
| Faixa etária | | | | | | | | |
| 13 | 6 | 15,0 | 34 | 85,0 | 40 | 100,0 | $p^{(1)} = 0,124$ | ** |
| 14 | 11 | 23,4 | 36 | 76,6 | 47 | 100,0 | | ** |
| 15 | 5 | 23,8 | 16 | 76,2 | 21 | 100,0 | | ** |
| 16 a 17 | - | - | 16 | 100,0 | 16 | 100,0 | | ** |
| Gênero | | | | | | | | |
| Masculino | 14 | 18,4 | 62 | 81,6 | 76 | 100,0 | $p^{(2)} = 0,803$ | 1,13 (0,32 a 0,93) |
| Feminino | 8 | 16,7 | 40 | 83,3 | 48 | 100,0 | | 1,00 |
| Ano escolar | | | | | | | | |
| 6º | 4 | 33,3 | 8 | 66,7 | 12 | 100,0 | $p^{(2)} = 0,438$ | 3,63 (0,74 a 17,81) |
| 7º | 7 | 17,5 | 33 | 82,5 | 40 | 100,0 | | 1,54 (0,41 a 5,79) |
| 8º | 7 | 17,9 | 32 | 82,1 | 39 | 100,0 | | 1,59 (0,42 a 5,98) |
| 9º | 4 | 12,1 | 29 | 87,9 | 33 | 100,0 | | 1,00 |
| Turno | | | | | | | | |
| Manhã | 13 | 17,1 | 63 | 82,9 | 76 | 100,0 | $p^{(2)} = 0,815$ | 1,00 |
| Tarde | 9 | 18,8 | 39 | 81,3 | 48 | 100,0 | | 1,12 (0,44 a 2,86) |
| Número de bons amigos que possuía na turma | | | | | | | | |
| Nenhum | 8 | 21,1 | 30 | 78,9 | 38 | 100,0 | $p^{(1)} = 0,284$ | ** |
| 1 | 1 | 4,8 | 20 | 95,2 | 21 | 100,0 | | ** |
| 2 ou 3 | 8 | 22,9 | 27 | 77,1 | 35 | 100,0 | | ** |
| 4 ou 5 | 2 | 10,5 | 17 | 89,5 | 19 | 100,0 | | ** |
| 6 ou mais | 3 | 27,3 | 8 | 72,7 | 11 | 100,0 | | ** |

(**): Não foi possível determinar devido à ocorrência de freqüências nulas ou muito baixas.

(1): Através do teste Exato de Fisher.

(2): Através do teste Qui-quadrado de Pearson.

Dos 22 estudantes que foram vítimas de *bullying* por agressão física analisou-se os locais do corpo atingido, relacionando-os com o gênero e com a faixa etária.

Observa-se na Tabela 13 que não houve associação estatisticamente significativa entre o gênero das vítimas de *bullying* por agressão física e os locais do corpo atingidos ($p > 0,05$). Verifica-se que 42,9% dos meninos relataram sofrer agressões na região da cabeça e 37,5% das meninas foram acometidas na região da face. Também não foi verificada associação entre o gênero e as formas de agressões ($p > 0,05$), uma vez que 71,4% dos meninos reportaram sofrer as agressões por meio de socos/tapas e 87,5% das meninas por empurrões.

Tabela 13 – Avaliação do local do corpo atingido e forma de agressão segundo o gênero das vítimas de *bullying* por agressão física

| Variável | Gênero | | | | Grupo Total | | Valor de p |
|--------------------------------|-----------|--------------|----------|--------------|-------------|--------------|-------------------|
| | Masculino | | Feminino | | n | % | |
| | n | % | n | % | | | |
| TOTAL | 14 | 100,0 | 8 | 100,0 | 22 | 100,0 | |
| Local do corpo atingido | | | | | | | |
| Cabeça | | | | | | | |
| Sim | 6 | 42,9 | 1 | 12,5 | 7 | 31,8 | $p^{(1)} = 0,193$ |
| Não | 8 | 57,1 | 7 | 87,5 | 15 | 68,2 | |
| Face | | | | | | | |
| Sim | 5 | 35,7 | 3 | 37,5 | 8 | 36,4 | $p^{(1)} = 1,000$ |
| Não | 9 | 64,3 | 5 | 62,5 | 14 | 63,6 | |
| Pescoço | | | | | | | |
| Sim | 4 | 28,6 | - | - | 4 | 18,2 | $p^{(1)} = 0,254$ |
| Não | 10 | 71,4 | 8 | 100,0 | 18 | 81,8 | |
| Outra região | | | | | | | |
| Sim | 13 | 92,9 | 8 | 100,0 | 21 | 95,5 | $p^{(1)} = 1,000$ |
| Não | 1 | 7,1 | - | - | 1 | 4,5 | |
| Forma de agressão | | | | | | | |
| Empurrões | | | | | | | |
| Sim | 9 | 64,3 | 7 | 87,5 | 16 | 72,7 | $p^{(1)} = 0,351$ |
| Não | 5 | 35,7 | 1 | 12,5 | 6 | 27,3 | |
| Socos/ Tapas | | | | | | | |
| Sim | 10 | 71,4 | 5 | 62,5 | 15 | 68,2 | $p^{(1)} = 1,000$ |
| Não | 4 | 28,6 | 3 | 37,5 | 7 | 31,8 | |
| Chutes | | | | | | | |
| Sim | 6 | 42,9 | 2 | 25,0 | 8 | 36,4 | $p^{(1)} = 0,649$ |
| Não | 8 | 57,1 | 6 | 75,0 | 14 | 63,6 | |

(1): Através do teste Exato de Fisher.

A partir dos dados apresentados na tabela 14, ressalta-se que não foi estatisticamente significativa a associação entre a idade das vítimas de *bullying* por agressão física e a maioria dos locais do corpo atingidos (cabeça $p=0,71$; face $p=1,0$; outra região $p=0,227$), apenas com a região de pescoço a associação foi positiva ($p=0,04$). Desse modo, 40,0%, 40,0% e 60,0%, dos alunos de 15 anos afirmaram que sofreram agressões nas regiões, respectivamente, de cabeça, face e pescoço. Entre a idade e as formas de agressão não foi constatada associação estatisticamente significativa ($p > 0,05$), posto que 83,3% dos alunos de 13 anos foram acometidos de agressões através de empurrões e 80,0% dos estudantes com 15 anos foram agredidos por meio de socos/tapas.

Tabela 14 – Avaliação do local do corpo atingido e forma de agressão segundo a idade das vítimas de *bullying* por agressão física

| Variável | Idade | | | | | | Grupo Total | Valor de p | |
|--------------------------------|----------|--------------|-----------|--------------|----------|--------------|-------------|--------------|---------------------|
| | 13 anos | | 14 anos | | 15 anos | | | | |
| | n | % | n | % | n | % | | | |
| TOTAL | 6 | 100,0 | 11 | 100,0 | 5 | 100,0 | 22 | 100,0 | |
| Local do corpo atingido | | | | | | | | | |
| Cabeça | | | | | | | | | |
| Sim | 1 | 16,7 | 4 | 36,4 | 2 | 40,0 | 7 | 31,8 | $p^{(1)} = 0,710$ |
| Não | 5 | 83,3 | 7 | 63,6 | 3 | 60,0 | 15 | 68,2 | |
| Face | | | | | | | | | |
| Sim | 2 | 33,3 | 4 | 36,4 | 2 | 40,0 | 8 | 36,4 | $p^{(1)} = 1,000$ |
| Não | 4 | 66,7 | 7 | 63,6 | 3 | 60,0 | 14 | 63,6 | |
| Pescoço | | | | | | | | | |
| Sim | - | - | 1 | 9,1 | 3 | 60,0 | 4 | 18,2 | $p^{(1)} = 0,040^*$ |
| Não | 6 | 100,0 | 10 | 90,9 | 2 | 40,0 | 18 | 81,8 | |
| Outra região | | | | | | | | | |
| Sim | 6 | 100,0 | 11 | 100,0 | 4 | 80,0 | 21 | 95,5 | $p^{(1)} = 0,227$ |
| Não | - | - | - | - | 1 | 20,0 | 1 | 4,5 | |
| Forma de agressão | | | | | | | | | |
| Empurrões | | | | | | | | | |
| Sim | 5 | 83,3 | 7 | 63,6 | 4 | 80,0 | 16 | 72,7 | $p^{(1)} = 0,834$ |
| Não | 1 | 16,7 | 4 | 36,4 | 1 | 20,0 | 6 | 27,3 | |
| Socos/ Tapas | | | | | | | | | |
| Sim | 4 | 66,7 | 7 | 63,6 | 4 | 80,0 | 15 | 68,2 | $p^{(1)} = 1,000$ |
| Não | 2 | 33,3 | 4 | 36,4 | 1 | 20,0 | 7 | 31,8 | |
| Chutes | | | | | | | | | |
| Sim | 2 | 33,3 | 5 | 45,5 | 1 | 20,0 | 8 | 36,4 | $p^{(1)} = 0,845$ |
| Não | 4 | 66,7 | 6 | 54,5 | 4 | 80,0 | 14 | 63,6 | |

(*): Diferença significativa ao nível de 5,0%.

(1): Através do teste Exato de Fisher.

6. DISCUSSÃO

A violência assumiu grande importância para a sociedade brasileira nas últimas décadas e tornou-se um premente problema de saúde pública, em razão de sua magnitude, gravidade, impacto social e capacidade de vulnerabilizar a saúde individual e coletiva (MALTA *et al.*, 2010b).

Dentro desse contexto, destaca-se o *bullying*, considerado um tipo de violência geralmente associado ao ambiente escolar. Em várias escolas ao redor do mundo é tido como uma parte normal da vida (DUSSICH; MAEKOYA, 2007), entretanto, as consequências da conduta *bullying* afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar (FANTE, 2005).

Dos alunos da presente pesquisa, a maioria tinha 14 anos de idade, era do gênero feminino, cursava o 8º ano do ensino fundamental, estudava no turno manhã, estava matriculado na Escola Municipal Roberto Simonsen e não possuía nenhum bom amigo na turma.

A respeito do tema *bullying* na escola, uma estimativa de prevalência no período de vitimização, "tendo sido intimidado" ou "ser uma vítima", refere-se à proporção ou porcentagem de alunos em uma escola que tenham sofrido *bullying* de outros estudantes com alguma frequência definida dentro de um período de tempo específico no grupo de interesse (SOLBERGN; OLWEUS, 2003). Para a presente pesquisa, foram categorizados como vítimas os alunos que sofreram *bullying* por uma frequência de 3 ou mais vezes no ano da pesquisa (CARLYLE; STEINMAN, 2007; ESLEA *et al.*, 2003; FISCHER *et al.*, 2009; LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008;; PEREIRA; SILVA; NUNES, 2009).

Quando questionados sobre essa frequência, a maioria (38,9%) dos alunos afirmaram sofrer uma ou duas vezes esse tipo de violência, enquanto que Bandeira (2009), Fischer *et al.* (2010), Pereira, Silva e Nunes (2009) e Santos (2010) constataram que a resposta mais assinalada foi não sofrer maus tratos ou esse tipo de violência, com os seguintes percentuais, respectivamente, 40,5%, 70,9%, 52,7% e 50,6%.

Com relação à prevalência de *bullying*, os resultados descritos na literatura apresentam grande variabilidade. No presente estudo, observou-se que 23,6% dos alunos pesquisados foram vítimas de *bullying*, resultado este semelhante aos

verificados por Carlyle e Steinman (2007) (20,1%) e Pereira, Silva e Nunes (2009) (24,2%), porém inferior aos reportados por Liang, Flisher e Lombard (2007) (28,0%), Lopes Neto e Saavedra (2008) (27,8%) Malta *et al.* (2010a) (30,8%). Outros estudos verificaram uma baixa prevalência, a exemplo de Craig *et al.* (2009) (16,2%), Garcia Continente, Pérez Giménez e Nebot Adell (2010) (10,7%), Guo *et al.* (2010) (8,6%), Moura, Cruz e Quevedo (2011) (17,6%) e Perren *et al.* (2010) (13,6%). Divergências culturais e socio-demográficas nas populações estudadas são possíveis explicações da variabilidade nos percentuais de vitimização. Segundo Due *et al.* (2009) diferenças nacionais nas políticas e no ambiente escolar também podem contribuir para essa disparidade.

Além disso, a variabilidade das taxas de prevalência observadas em estudos está relacionada a uma série de fatores, dentre eles: pesquisas que relataram a prevalência de envolvimento em situações de *bullying* podem se basear em diferentes fontes de obtenção de dados, como nomeações de pares e professores ou avaliações e questionários de auto-relato; pesquisadores podem apresentar ou não aos participantes uma definição ou explicação do que se entende por *bullying*; estudos podem ser diferentes no que diz respeito ao “período de referência” ou período de tempo utilizado na mensuração de envolvimento em *bullying*. O prazo referido pode, por exemplo, ser um ano escolar inteiro, um período escolar ou os últimos 2 ou 3 meses; categorias de respostas e de classificação podem variar em número e especificidade; alguns estudos baseam suas estimativas de prevalência em um único item/variável, enquanto outros usam alguma forma de pontuação de escores ou índice de escala composta, por exemplo, a média ou a soma de várias variáveis/itens ou classificações; os estudos utilizam diferentes limiares ou critérios para diferenciar as vítimas das não-vítimas e os agressores dos não-agressores (SOLBERG; OLWEUS, 2003).

Associação estatisticamente significativa foi verificada entre o gênero e vítimas de *bullying*, condição essa verificada por outros autores estrangeiros (CARLYLE; STEINMAN, 2007; CRAIG *et al.*, 2009; GUO *et al.*, 2010; LIANG; FLISHER; LOMBARD, 2007; POSTIGO ZEGARRA *et al.*, 2009). A vitimização foi mais frequente em meninos, o que corrobora com a maioria das pesquisas (CARLYLE; STEINMAN 2007; CRAIG *et al.*, 2009; GARCIA CONTINENTE; PÉREZ GIMÉNEZ; NEBOT ADELL, 2010; GUO *et al.*, 2010; HAZEMBA *et al.*, 2008; LIANG; FLISHER; LOMBARD, 2007; MALTA *et al.*, 2010a; MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011; NANSEL *et al.*, 2001;

PERREN *et al.*, 2010; POSTIGO ZEGARRA *et al.*, 2009). Estes achados podem ser explicados pelo fato de que os meninos sofrem *bullying* de uma forma física, enquanto que as meninas são vítimas frequentes da forma verbal e da exclusão, que são menos visíveis e percebidas (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011). Gobina *et al.* (2008) analisaram o envolvimento de estudantes adolescentes em situações de *bullying* na Letônia e Lituânia, em ambos os países, a experiência em *bullying* foi maior nos meninos do que nas meninas ($p < 0,001$), exceto na Lituânia, onde o percentual de vítimas foi ligeiramente maior entre as meninas.

Não houve associação estatisticamente significativa entre a variável vítimas de *bullying* e a idade ($p > 0,05$). Os alunos de idades menores (13 e 14 anos) apresentaram maior percentual de vitimização quando comparados com os de idades maiores (15 a 17 anos), resultado semelhante aos descritos por Due *et al.*, (2005), Garcia Continente, Pérez Giménez e Nebot Adell (2010), Gobina *et al.* (2008), Guo *et al.*, (2010), Hazemba *et al.*, (2008), Malta *et al.*, (2010a), Moura, Cruz e Quevedo (2011) e Postigo Zegarra *et al.* (2009). De acordo com Craig *et al.* (2009) os percentuais de vitimização diminuíram por idade em 30 dos 40 países analisados para o gênero masculino e em 25 dos 39 países para o feminino. Nesse sentido, reforça-se a tendência que o aumento da idade diminui a probabilidade de vitimização entre estudantes.

O tipo de *bullying* verbal foi o mais prevalente, seguido do relacional e do físico. Este resultado foi semelhantes aos encontrados por outros autores (GARCIA CONTINENTE; PÉREZ GIMÉNEZ; NEBOT ADELL, 2010; POSTIGO ZEGARRA *et al.*, 2009; WANG *et al.*, 2010), entretanto, diverge dos achados de Wang, Iannotti e Nansel (2009) e Wang, Nansel e Iannotti (2011) que observaram ser o tipo relacional o mais prevalente seguido do tipo verbal. Contudo, Moura, Cruz e Quevedo (2011) constataram ser o *bullying* físico como o segundo tipo mais acometido. A utilização de apelidos, muitas vezes pejorativos ou que se refiram a determinada característica física ou fragilidade das vítimas, pode explicar o predomínio do tipo verbal (MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011).

As meninas sofreram mais o tipo de *bullying* físico e relacional, enquanto que os meninos o tipo verbal, achado discordante dos apresentados por Wang *et al.* (2010) e Wang, Iannotti e Nansel (2009) que verificaram os meninos como mais envolvidos em *bullying* físico. De acordo Scheithauer *et al.* (2008) os meninos possuíram maior representação na vitimização física, no entanto, praticamente não existiu diferenças

entre os gêneros para a verbal e relacional. Diferenças nas prevalências dos tipos de vitimização nos estudos podem ser elucidadas pelas variações metodológicas empregadas, além, das reais divergências existentes nas populações analisadas.

Os alunos do 6º e 7º ano de escolaridade possuíram maior percentual de vitimização comparados com do 8º e 9º ano, sem haver, contudo, associação estatisticamente significativa. Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos (CARLYLE; STEINMAN 2007; GARCIA CONTINENTE; NANSEL *et al.*, 2001; PÉREZ GIMÉNEZ; NEBOT ADELL, 2010; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009), o que reforça a tendência de que com aumento da escolaridade diminui a chances de vitimização. No presente estudo, não foi verificada a associação entre a variável vítimas de *bullying* e o turno que o aluno estudava ($p=0,969$). Observou-se que praticamente não houve diferença entre os percentuais de vitimização para os turnos analisados (manhã e tarde). Os dados não podem discutidos, pois não foram identificados estudos que abordaram a seguinte variável.

Não há dúvida que a amizade apresenta papel importante para a compreensão do *bullying* em adolescentes (WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009). Os alunos da amostra que tinham 4 ou mais bons amigos na turma apresentaram maior percentual de vitimização quando comparados com os que tinham menos de 4 ($p=0,958$). Este achado está em discordância com alguns autores (ESLEA *et al.*, 2003; SCHEITHAUER *et al.*, 2008; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009), posto, que os mesmos observaram que estudantes que possuíam maior número de amigos eram menos vitimizados quando comparados com os que tinham mais. Uma possível explicação para esse resultado é que possuir grande quantidade de amigos não implica necessariamente em ter qualidade nas amizades. Segundo os achados de Bollmer *et al.* (2005) possuir qualidade nas amizades pode funcionar em diferentes formas para proteger as crianças de serem vítimas de *bullying*.

A maioria das vítimas de *bullying* reportou sofrer as agressões durante várias semanas (33,3%), no entanto, Lopes Neto e Saavedra (2008) verificaram que a resposta mais relatada foi que as agressões duraram por todo ano e Fischer *et al.* (2009) observaram que os maus tratos perduraram principalmente por uma semana. Na presente pesquisa, a maioria dos meninos respondeu que as agressões duraram por vários anos, enquanto que as meninas por várias semanas. A incidência do *bullying* pode ser avaliada não só pelo número de vezes em que o mau trato se

repete, mas também pelo tempo que ele dura. Quanto mais duradouro for um mau trato, mais ele se aproxima das características do *bullying* (FISCHER *et al.*, 2009).

Em relação ao número de agressores segundo a vítimas, a maioria desses alunos responderam que sofreram *bullying* principalmente por 2 ou 3 colegas, dado condizente aos encontrados por Bandeira (2009) e Lopes Neto e Saavedra (2008). Em oposição, Fischer *et al.* (2009) observaram que a maioria declarou ter sofrido principalmente por um colega. Associação estatisticamente significativa foi observada entre essa variável e o gênero das vítimas ($p=0,033$). A identificação do número de autores que atuam sobre um determinado estudante alvo propicia avaliar se o *bullying* é praticado por um único estudante ou por grupos, podendo ser esses casos classificados em uma categoria de *bullying* denominada '*bullyingGang*' (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008).

Quando questionados sobre o gênero dos agressores, a maioria das vítimas relatou sofrer as agressões tanto por meninos como por meninas, dados este divergentes dos reportados por Bandeira (2009), Fischer *et al.* (2009) e Lopes Neto e Saavedra (2008) que constataram que as vítimas foram acometidas de agressões principalmente por meninos. Houve associação estatisticamente significativa entre essa variável e o gênero das vítimas ($p<0,001$), de modo que a maioria dos meninos confirmou sofrer as agressões exclusivamente de meninos, entretanto, as meninas afirmaram que os agressores eram de ambos os gêneros. Além do envolvimento maior dos meninos como vítimas, os mesmos também apresentam uma maior participação como agressores segundo a literatura (CARLYLE; STEINMAN, 2007; GOBINA *et al.*, 2008; LIANG; FLISHER; LOMBARD, 2007; PERREN *et al.*, 2010; POSTIGO ZEGARRA *et al.*, 2009). Este fato, no entanto, não pode ser indicativo de que os meninos sejam mais agressivos do que as meninas, apenas demonstra que eles apresentam uma maior probabilidade de envolvimento em *bullying* (BANDEIRA, 2009).

Aproximadamente metade das vítimas expressou sentimento de raiva (48,8%) ocasionado pelo *bullying*, resultado semelhante ao encontrado por Bandeira (2009) (48,9%). Contudo, Fischer *et al.* (2009) e Santos (2010) verificaram que a maioria "sentiu-se mal" e Lopes Neto e Saavedra (2008) constataram que a principal resposta foi que as agressões não os incomodaram. A valorização do sentimento de quem sofre *bullying* é um passo fundamental no processo de redução da sua incidência. Manifestações, comportamentos ou expressões que demonstrem esse

sentimento tornam-se de extrema utilidade para se identificar ou, pelo menos, levantar a suspeita de que crianças ou adolescentes podem estar vivenciando situações de *bullying* (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008).

Como o *bullying* caracteriza-se pela repetição, para a compreensão do fenômeno e possível prevenção, é importante entender o que as vítimas fazem depois de sofrer maus tratos (FISCHER *et al.*, 2009). A maioria dos alunos da amostra admitiu ter se defendido ou ignorado as ações, resultado este semelhante aos observados por Bandeira (2009), Fischer *et al.* (2009), Lopes Neto e Saavedra (2008) e Santos (2010). Os que referem ter se defendido devem ser mais bem avaliados sobre o que entenderam como defesa. Em muitos casos, o revide do *bullying* pode significar uma briga ou uma agressão maior, solução que seguramente não poderá ser aceita como correta (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008). Sobre os que ignoraram ou não deram atenção às agressões sofridas, este tipo de atitude pode estimular a repetição da violência à medida que preserva os agressores.

No presente estudo, 40,7% não informaram a ninguém sobre o *bullying* que sofreram. Porém, entre aqueles que relataram, a maioria (31,7%) conversou com os amigos ou colegas. Esses achados, foram semelhantes aos reportados por outras pesquisas (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008; SANTOS 2010). É cediço que os estudantes que sofrem *bullying* apresentam grandes dificuldades em falar sobre o assunto. Diversos são os motivos que os conduzem ao silêncio, indo desde as ameaças de retaliação dos agressores, passando pela indiferença dos adultos e chegando a situações de baixa auto-estima, o que os fazem se considerar merecedores dos sofrimentos pelo quais estão passando (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008). Uma possível explicação para os alunos conversarem principalmente com amigos ou colegas sobre as agressões consiste no fato de que os mesmos apresentam maior liberdade de expressão para indivíduos com características semelhantes, além disso, esses alunos conhecem o cotidiano da escola e dividem, muitas vezes, os mesmo anseios ou angústias.

A respeito da intervenção de professores, familiares ou colegas para tentar impedir as agressões, verificou-se que a maioria dos alunos vítimas de *bullying* admitiu que os professores e familiares não tentaram intervir, porque não sabiam que eles estavam sofrendo *bullying*, enquanto que os colegas não tomaram nenhuma atitude. Este resultado é semelhante ao encontrado por Lopes Neto e Saavedra (2008).

Das vítimas de *bullying*, 18,0% foram acometidas por agressões físicas, desses a maioria eram meninos, o que corrobora com outros autores que detectaram maior envolvimento nesse gênero (GARCIA CONTINENTE; PÉREZ GIMÉNEZ; NEBOT ADELL, 2010; UNDHEIM; SUND, 2010; WANG *et al.*, 2010; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009). Segundo esses alunos, os empurrões se configuraram como a principal forma de agressão, seguido dos socos/tapas e chutes. Kepenekci e Cinkir (2006) observaram que os empurrões foram à principal maneira de *bullying* físico sofridos pelos alunos da amostra, seguido das piadas de mau gosto em relação às aspectos físicos e dos chutes/tapas. Na pesquisa de Cairns, Mok e Welbury (2005) verificou-se que os golpes com objetos e os socos/tapas foram as principais formas de agressão em crianças e adolescentes vítimas de abuso físico. Caldas *et al.* (2009) ao estudarem as lesões e as consequências do trauma orofacial resultantes da violência constataram que a maioria das agressões foram realizadas através de socos e/ou chutes. A maioria dos meninos da amostra relatou sofrer as agressões por meio de socos/tapas, enquanto as meninas por empurrões. Os alunos de 13 anos sofreram as agressões principalmente por empurrões, contudo os de 15 anos por meio de socos/tapas.

Uma das principais causas de trauma no complexo maxilofacial ou facial de crianças ou adolescentes é a violência física, com maior prevalência para os que têm mais de 10 anos de idade (RAHMAN *et al.* 2007; CAVALCANTI; MELO, 2008; OLIVEIRA; MELLO JORGE. 2008; CAVALCANTE *et al.*, 2009; CARVALHO *et al.*, 2010; LELES *et al.*, 2010). Ao analisar o local do corpo atingido nas vítimas de *bullying* por agressão física na presente pesquisa constatou-se que 36,4% tiveram a região da face atingida e 31,8% a região da cabeça. Cavalcanti (2009) verificou taxas elevadas de lesões nessas regiões (69,1%) em crianças e adolescentes vítimas de violência física escolar, sendo esse achado comum, pois quando um indivíduo é agredido por qualquer razão, às áreas da cabeça e face, frequentemente, estão envolvidas (CAVALCANTI, 2010; MUTTO *et al.*, 2011). Isso ocorre porque essas áreas estão expostas e acessíveis, e a cabeça é considerada a região representativa de todo o corpo (CAIRNS; MOK; WELBURY, 2005). Os meninos reportaram ser a cabeça como a principal região do complexo maxilofacial atingida, entretanto as meninas afirmaram que foi a face. Os alunos de 15 anos possuíram os maiores percentuais de regiões do complexo maxilofacial atingidos.

Das vítimas de *bullying* que relataram sofrer agressões na face, metade envolveu a cavidade oral, com todas as injúrias localizando-se em tecido mole, sendo os lábios as regiões mais atingidas, resultado semelhante foi observado por Cavalcanti (2009) ao relatar que 23,8% da amostra possuía lesões na cavidade oral, atingindo exclusivamente o tecido mole, com predomínio de envolvimento dos lábios. Cavalcanti (2010) analisou que do total de crianças e adolescentes que sofreram lesões orais por abuso físico, 94,8% foram por lacerações de tecidos moles, principalmente, no lábio superior. Nas pesquisas de Carvalho *et al.* (2010) e Wulkan, Parreira Junior e Botter (2005) observa-se que os pacientes vítimas de trauma facial devido a violência interpessoal apresentaram lesão em tecidos moles como a mais prevalente. De acordo com Lim, Kumar e Myer (2004) compreender e identificar os sítios anatômicos de risco e os mecanismos que causam as lesões em indivíduos de idades específicas é um passo importante para a prevenção de lesões traumáticas.

As crianças que são vítimas de violência física podem apresentar lesões intra-orais que vão desde lesões leves, com equimoses nos lábios, a comprometimentos mais graves, a exemplo de fraturas dentárias. O cirurgião-dentista e a equipe odontológica devem estar capacitados para diagnosticar as diferentes formas de injúrias orais resultante de abuso de crianças, além de fornecer o melhor tratamento às vítimas. Outra atribuição a esses profissionais é de notificar as autoridades responsáveis pela proteção das crianças de qualquer suspeita ou caso confirmado desse tipo de violência (CAVALCANTI, 2010). Esses mesmos procedimentos podem ser aplicados para as vítimas de *bullying* por agressão física, pois como observado nos resultados da presente pesquisa, apresentam características semelhantes em relação aos traumas no complexo maxilofacial e na cavidade oral.

Algumas limitações do estudo devem ser apontadas. Como em tantas outras pesquisas os dados foram obtidos unicamente através de auto-relatos, de modo que a percepção individual de *bullying* pode variar, os mesmos podem ser imprecisos. Assim, a prevalência de vítimas de *bullying* nos escolares da rede municipal de ensino de Campina Grande-PB pode ter sido subestimada. No entanto, o anonimato dos questionários favorecia uma maior sinceridade nas resoluções dos questionários (GARCIA CONTINENTE; PÉREZ GIMÉNEZ; NEBOT ADELL, 2010). Os dados da presente pesquisa são oriundos de um estudo transversal e com tal, a direção das

relações entre as variáveis não podem ser determinadas, por isso, a necessidade de realizar futuras pesquisas de caráter longitudinal.

Após a análise de pesquisas (FANTE, 2005; LOPES NETO; SAAVEDRA, 2008; MALTA *et al.*, 2010a; MOURA; CRUZ; QUEVEDO, 2011) constatou-se que o envolvimento de alunos brasileiros em situações de *bullying* apresentou percentuais semelhantes aos observados em outros países, por isso, a necessidade de realizar novos estudos, com a finalidade de entender melhor como o *bullying* se desenvolve, e assim, traçar medidas de prevenção e intervenção.

7. CONCLUSÕES

- Aproximadamente um quarto dos alunos da amostra foi vítima de *bullying* na escola no ano da pesquisa, sendo os do gênero masculino, os mais novos (13 e 14 anos), de escolaridade mais baixa (6º e 7º ano) e os com mais de 3 amigos os que apresentaram os maiores percentuais de envolvimento, porém, não houve diferença nos resultados para os alunos entre os turnos analisados. Associação estatisticamente significativa foi verificada apenas entre o gênero do escolar e a ocorrência de *bullying* ($p < 0,001$);
- A maioria das vítimas de *bullying* relatou que as agressões duraram por várias semanas, foram realizadas por dois ou três colegas e partiram de alunos de ambos os gêneros;
- Os principais sentimentos expressados por esses alunos após terem sido agredido, foram: ficar com raiva, não se incomodar e preocupar-se com sua imagem. A respeito das atitudes tomadas, destaca-se: a de ignorar as agressões, se defender e pedir que os agressores parassem. Além disso, observou-se que a maioria não relatou a ninguém do *bullying* sofrido;
- A maioria das vítimas de *bullying* admitiu que os professores e familiares não tentaram intervir, porque não sabiam que eles estavam sofrendo *bullying*, enquanto que os colegas não tomaram nenhuma reação;
- O tipo de *bullying* mais prevalente foi o verbal, seguido do relacional e do físico. O envolvimento no *bullying* físico apresentou mais elevado entre os alunos de 14 anos, do gênero feminino, do 6º ano e os que não possuíam bons amigos na turma. Para o *bullying* verbal possuiu maiores valores para os de 13 anos, do gênero masculino, do 7º ano, do turno da tarde e que tinham 2 ou 3 bons amigos na turma. A respeito do tipo relacional verificou os maiores percentuais para os de 14 anos, do gênero masculino, do 9º ano, do turno da tarde e os que reportaram ter 6 ou mais amigos na turma;
- Não houve associação estatisticamente significativa entre os tipos de *bullying* com a maioria das variáveis: faixa etária, gênero, ano e turno escolar e quantidade de bons amigos na turma ($p < 0,05$);
- Para as vítimas de *bullying* por agressão física, os empurrões se configuraram como a principal forma de agressão. Mais de um terço desses alunos afirmou

que a face foi o local do corpo atingido, com a metade envolvendo a cavidade oral, acometendo exclusivamente os tecidos moles, principalmente, os lábios. Não foram encontrados fratura faciais e dentárias;

- Não foi positiva a associação entre o gênero e a faixa etária com a maioria dos locais e formas de agressão dos alunos vítimas de *bullying* ($p < 0,05$);

REFERENCIAS

- ALMEIDA, K. L.; SILVA, A. C.; CAMPOS, J. S. Importância da identificação precoce da ocorrência do *bullying*: uma revisão de literatura. **Rev Pediatr**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 8-16, jan./jun. 2008.
- BANDEIRA, C. M. ***Bullying: Auto-estima e diferença de gênero***. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- BOLLMER, J. M.; MILICH, R.; HARRIS, M. J.; MARAS, M. A. A friend in need: the role of friendship quality as a protective factor in peer victimization and bullying. **J Interpers Violence**, New York, v. 20, n. 6, p. 701-712, jun. 2005.
- CALDAS, I. M.; MAGALHÃES, T.; AFONSO, A.; MATOS, E. The consequences of orofacial trauma resulting from violence: a study in Porto. **Dent Traumatol**, Copenhagen, v. 26, n. 6, p. 484-489, dec. 2010.
- CAIRNS, A.M.; MOK, J. Y.; WELBURY, R. R. Injuries to the head, face, mouth and neck in physically abused children in a community setting. **Int J Paediatr Dent**, Oxford, v. 15, n. 5, p. 310-318, sep. 2005.
- CARLYLE, K. E.; STEINMAN, K. J. Demographic differences in the prevalence, co-occurrence, and correlates of adolescent bullying at school. **J Sch Health**, Colombus, v. 77, n. 9, p. 623-629, nov. 2007.
- CARVALHO, T. B; CANCIAN, L. R.; MARQUES, C. G.; PIATTO, V. B.; MANIGLIA, J. V.; MOLINA, F. D. Six years of facial trauma care: an epidemiological analysis of 355 cases. **Braz J Otorhinolaryngol**, São Paulo, v. 76, n. 5, p. 565-574, oct. 2010.
- CARVALHOSA, S. F.; LIMA, L.; MATOS, M. G. *Bullying*- A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Anál Psicol**, Lisboa, v. 4, n. 19, p. 523-537, 2001.
- CARVALHOSA, S. F.; MOLEIRO, C.; SALES, C. A situação do *bullying* nas escolas portuguesas. **Interacções**, Santarém, n. 13, p. 125-146, 2009.

CAVALCANTE, J. R.; GUIMARÃES, K. B.; VASCONCELOS, B. C.; VASCONCELLOS, R. J. Epidemiological study of patients with facial trauma treated at the Antônio Targino Hospital - Campina Grande/Paraíba. **Braz J Otorhinolaryngol**, São Paulo, v. 75, n. 5, p. 628-633, sep./oct. 2009.

CAVALCANTI, A. L. Lesões no complexo maxilofacial em vítimas de violência no ambiente escolar. **Ciênc Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 5, p. 1835-1842, set./out. 2009.

CAVALCANTI, A. L.; MELO, T. R. Facial and oral injuries in Brazilian children aged 5-17 years: 5-year review. **Eur Arch Paediatr Dent**, Leeds, v. 9, n. 2, p. 102-104, Jun. 2008.

CAVALCANTI, A. L. Prevalence and characteristics of injuries to the head and orofacial region in physically abused children and adolescents--a retrospective study in a city of the Northeast of Brazil. **Dent Traumatol**, Copenhagen, v. 26, n. 2, p. 149-53, apr. 2010.

CEPEDA-CUERVO, E.; PACHECO-DURÁN, P. N.; GARCÍA-BARCO, L.; PIRAQUIVE-PEÑA, C. J. Acoso Escolar a Estudiantes de Educación Básica y Media. **Rev Salud Pública**, Bogotá, v. 10, n. 4, p. 517-528, ago./oct. 2008.

CRAIG, W.; HAREL-FISCH, Y.; FOGEL-GRINVALD, H.; DOSTALER, S.; HETLAND, J.; SIMONS-MORTON, B. *et al.* A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. **Int J Public Health**, Basel, v. 54, sup. 2, p. 216-224, sep. 2009.

CRUZEIRO, A. L. S.; SILVA, R. A.; HORTA, B. L.; SOUZA, L. D. M. FARIA, A. D.; PINHEIRO, R. T. *et al.* Prevalência e fatores associados ao transtorno da conduta entre adolescentes: um estudo de base populacional. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, p. 2013-2020, set., 2008.

DUE, P.; HOLSTEIN, B. E.; LYNCH, J.; DIDERICHSEN, F.; GABHAIN, S. N.; SCHEIDT, P.; *et al.* Bullying and symptoms among school-aged children: international comparative cross sectional study in 28 countries. **Eur J Public Health**, Stockholm, v. 15, n. 2, p. 128-132, apr. 2005.

DUSSICH, J. P.; MAEKOYA, C. Physical child harm and bullying-related behaviors: a comparative study in Japan, South Africa, and the United States. **Int J Offender Ther Comp Criminol**, London, v. 51, n. 5, p. 495-509, oct. 2007.

ESLEA, M.; MENESINI, E.; MORITA, Y.; O'MOORE, M.; MORA-MERCHAN, J. A.; PEREIRA, B. *et al.* Friendship and loneliness among bullies and victims: data from seven countries. **Aggressive Behav**, New York, v. 30, p. 71-83, 2003.

FANTE, C. A. Z. Fenômeno *bullying*: **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2º ed , Campinas: Verus. 2005.

FISCHER, R. M; LORENZI, G. W.; PEDREIRA, L. S.; BOSE, M.; FANTE, C.; BERTHOUD, C. *et al.* Relatório de pesquisa: *bullying* escolar no Brasil. Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (Ceats) e Fundação Instituto de Administração (FIA). Disponível em: <<http://catracalivre.folha.uol.com.br/wp-content/uploads/2010/03/Pesquisa-Bullying.pdf>> Acesso em: 14 fevereiro 2011.

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO R. M. C. Um Estudo sobre *Bullying* entre Escolares do Ensino Fundamental. **Psicol Reflex Crít**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 200-207, 2009.

GARCIA CONTINENTE, X.; PÉREZ GIMÉNEZ, A.; NEBOT ADELL, M. Factores relacionados com el acoso escolar (*bullying*) en los adolescentes de Barcelona. **Gac Sanit**, Barcelona, v. 24, n. 2, p.103-108, mar./apr. 2010.

GOBINA, I.; ZABORSKIS, A.; PUDULE, I.; KALNINS, I.; VILLERUSA, A. Bullying and subjective health among adolescents at schools in Latvia and Lithuania. **Int J Public Health**, Basel, v. 53, n. 5, p. 272-276, 2008.

GUO, Q. Z.; MA, W. J.; NIE, S. P.; XU, Y.J.; XU, H. F.; ZHANG, Y. R. Relationships between weight status and bullying victimization among school-aged adolescents in Guangdong Province of China. **Biomed Environ Sci**, San Diego, v. 23, n. 2, p. 108-112, apr. 2010.

HAZEMBA, A.; SIZIYA, S.; MUULA, A. S.; RUDATSIKIRA, E. Prevalence and correlates of being bullied among in-school adolescents in Beijing: results from the 2003 Beijing Global School-Based Health Survey. **Ann Gen Psychiatry**, London, v. 2, n. 7, p. 1-6, apr. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Primeiros resultados do Censo 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=25>. Acesso em: 30 maio 2011.

KEPENEKCI, Y. K.; CINKIR, S. Bullying among Turkish high school students. **Child Abuse Negl**, Oxford, v. 30, n. 2, p. 193-204, feb. 2006.

KYRIAKIDES, L.; KALOYIROU, C.; LINDSAY, G. An analysis of the Revised Olweus Bully/Victim Questionnaire using the Rasch measurement Model. **Br J Educ Psychol**, London, v. 76, p. 781–801, dec. 2006.

LAMB, J.; PEPLER, D. J.; CRAIG, W. Approach to bullying and victimization. **Can Fam Physician**, Willowdale, v. 55, n. 4, p. 356-360, apr. 2009.

LELES, J. L.; DOS SANTOS, E. J.; JORGE, F. D.; DA SILVA, E. T.; LELES, C. R. Risk factors for maxillofacial injuries in a Brazilian emergency hospital sample. **J Appl Oral Sci**, Bauru, v. 18, n. 1, p. 23-29. jan./feb. 2010.

LIANG, H.; FLISHER, A. J.; LOMBARD, C. J. Bullying, violence, and risk behavior in South African school students. **Child Abuse Negl**, Oxford, v. 31, p. 161-171, feb. 2007.

LIM, L. H.; KUMAR, M.; MYER, C. M. Head and neck trauma in hospitalized pediatric patients. **Otolaryngol Head Neck Surg**, Rochester, v. 130, n. 2, p. 255-261, feb. 2004.

LOPES NETO, A. A. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. **J Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81(sup. 5), p. 164-172, nov. 2005.

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não ao Bullying: programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. 2° ed. Passo Fundo: Battistel, 2008.

LUK, J. W.; WANG, J.; SIMONS-MORTON, B. G. Bullying victimization and substance use among U.S. adolescents: mediation by depression. **Prev Sci**, New York, v. 11, n. 4, p. 355-359, dec. 2010.

MALTA, D. C.; SILVA, M. A. I.; MELLO, F. C. M.; MONTEIRO, R. A.; SARDINHA, L. M. V.; CRESPO, C. *et al.* *Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)*, 2009. **Ciênc Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15 (sup. 2), p. 3065-3076, 2010a.

MALTA, D. C.; SOUZA, E. R.; SILVA, M. M.; SILVA, C. D. O. S. S.; ANDREAZZI, M. A, CRESPO, C. *et al.* *Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)*. **Ciênc Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15 (sup. 2), p. 3053-3063, oct. 2010b.

MCCMAHON, E. M.; REULBACH, U.; KEELEY, H.; PERRY, I. J.; ARENSMAN, E. Bullying victimisation, self harm and associated factors in Irish adolescent boys. **Soc Sci Med**, Oxford, v. 71, n. 7, p. 1300-1307, oct. 2010.

MOURA, D. R.; CRUZ, A. C.; QUEVEDO, L. A. Prevalence and characteristics of school age bullying victims.. **J Pediatr (Rio J)**, Rio de Janeiro, v. 87, n. 1, p. 19-23, jan./feb. 2011.

MUTTO, M.; LETT, R.; LAWOKO, S.; NANSAMBA, C.; SVANSTROM, L. Intentional injuries among Ugandan youth: a trauma registry analysis. **Inj Prev**, London, v. 16, n. 5, p. 333-336, oct. 2011.

MUULA, A.S.; HERRING, P.; SIZIYA, S. RUDATSIKIRA, E. Bullying victimization and physical fighting among Venezuelan adolescents in Barinas: results from the Global School-Based Health Survey 2003. **Ital J Pediatr**, London, v. 35, n. 38, nov. 2009.

NANSEL, T. R.; OVERPECK, M.; PILLA, R. S.; RUAN, W.J.; SIMONS-MORTON, B.; SCHEIDT, P. Bullying behaviors among US youth: prevalence and association with psychosocial adjustment. **JAMA**, Chicago, v. 285, n. 16, p. 2094-2100, apr. 2001.

NANSEL, T. R.; OVERPECK, M. D.; HAYNIE, D. L.; RUAN, W. J.; SCHEIDT, P. C. Relationships between bullying and violence among US youth. **Arch Pediatr Adolesc Med**, Chicago, v. 157, n. 4, p. 348-353, apr. 2003.

OLIVEIRA, A. S.; ANTONIO, P. S. Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno *Bullying*: possibilidades para a assistência de enfermagem nesse contexto. **Rev Eletrônica Enferm**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 30-41, 2006.

OLIVEIRA, L. R.; MELLO JORGE, M. H. P. Análise epidemiológica das causas externas em unidades de urgência e emergência em Cuiabá/Mato Grosso. **Rev Bras Epidemiol**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 420-430, set. 2008.

OLWEUS, D. **Bullying at school what we know and what we can do**. Cambridge: Blackwell, 1993.

OLWEUS, D. Prevalence and incidence in the study of anti-social behavior: definitions and measurement. In: KLEIN, M. (Ed.). **Cross-national research in self-reported crime and delinquency**. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer, 1989. p. 187-201.

OLWEUS, D. **The revised Olweus Bully/Victim Questionnaire. Research Center for Health Promotion (Hemil Center).** Bergen, Norway: University of Bergen, Norway. 1996.

ORTEGA, R.; MORA-MERCHÁN, J. A.; SINGER, M.; SMITH, P. K.; PEREIRA, B.; MENESINT, E. **The General Survey Questionnaires and Nomination Methods Concerning Bullying.** Final Report presented at IV Meeting of TMR project: Nature and Prevention of Bullying and Social Exclusion. Munich, 1999.

PEREIRA, B. O.; SILVA, M. A. I.; NUNES, B. Descrever o *bullying* na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. **Rev Diálogo Educ**, Curitiba, v. 9, n. 28, p. 455-466, set./dez. 2009.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia teoria e prática.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1995.

PERREN, S.; DOOLEY, J.; SHAW, T.; CROSS, D. Bullying in school and cyberspace: Associations with depressive symptoms in Swiss and Australian adolescents. **Child Adolesc Psychiatry Ment Health**, London, n. 4, v. 28. nov. 2010.

PINHEIRO, F. M. F.; WILLIAMS, L. C. A. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. **Cad Pesqui**, São Paulo, v. 39, n. 138, p. 995-1018, set./dez. 2009.

PINTO, V. G. **Saúde bucal coletiva.** 4º Ed, São Paulo: Santos, 2000.

PIZARRO, H. C.; JIMÉNEZ, M. I. Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. **Rev Educa**, v. 31, n. 1, p. 135-144, 2007.

POSTIGO ZEGARRA, S.; GONZÁLEZ BARRÓN, R.; MATEU MARQUÉS, C.; FERRERO BERLANGA, J.; MARTORELL PALLÁS, C. Diferencias conductuales según género en convivencia escolar. **Psicothema**, Oviedo, v. 21, n. 3, p. 453-458. aug. 2009.

RAHMAN, R. A.; RAMLI, R.; RAHMAN, N. A.; HUSSAINI, H. M.; IDRUS, S. M.; HAMID, A. L. Maxillofacial trauma of pediatric patients in Malaysia: a retrospective study from 1999 to 2001 in three hospitals. **Int J Pediatr Otorhinolaryngol**, Amsterdam, v. 71, n. 6, p. 929-936, jun. 2007.

RODRÍGUEZ PIEDRA, R.; SEOANE LAGO, A.; PEDREIRA MASSA, J. L. Niños contra niños: el *bullying* como trastorno emergente. **An Pediatr (Barc)**, Barcelona, v. 64, n. 2, p. 162-166, feb. 2006.

SANSONE, R. A.; SANSONE, L. A. Bully victims: psychological and somatic aftermaths. **Psychiatry (Edgmont)**, Edgemont, v. 5, n. 6, p. 62-64, jun. 2008.

SANTOS, M. P. O. Fenômeno *bullying* na Educação Física Escolar: um estudo de caso no Distrito Federal, **efdeportes**, Buenos Aires, v. 15, n. 143, abr. 2010.

SEIXAS, S. R. Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. **Anál Psicol**, Lisboa, v. 2, n. 23, p. 97-110, 2005.

SOLBERG, M. E.; OLWEUS, D. Prevalence Estimation of School Bullying With the Olweus Bully/Victim Questionnaire. **Aggressive Behav**, New York, v. 29, n. 3, p. 239-268, 2003.

SCHEITHAUER, H.; HAYER T.; PETERMANN, F.; JUGERT, G. Physical, verbal, and relational forms of bullying among german students: age trends, gender differences, and correlates. **Aggressive Behav**, New York, v. 32, p. 261-275, 2006.

THARP-TAYLOR, S.; HAVILAND, A.; D'AMICO, E. J. Victimization from mental and physical bullying and substance use in early adolescence. **Addict Behav**, Oxford, v. 34, n.6-7, p. 561-567, jun./jul. 2009.

UNDHEIM, A. M.; SUND, A. M. Prevalence of bullying and aggressive behavior and their relationship to mental health problems among 12- to 15-year-old Norwegian adolescents. **Eur Child Adolesc Psychiatry**, Darmstadt, v. 19, n. 11, p. 803-811, nov. 2010.

VERVOORT, M. H.; SCHOLTE, R. H.; OVERBEEK, G. Bullying and victimization among adolescents: the role of ethnicity and ethnic composition of school class. **J Youth Adolesc**, New York, v. 39, n. 1, p. 1-11, jan. 2010.

WANG, J.; IANNOTTI, R. J.; LUK, J. W.; NANSEL, T. R. Co-occurrence of victimization from five subtypes of bullying: physical, verbal, social exclusion, spreading rumors, and cyber. **J Pediatr Psychol**, Washington, v. 35, n. 10, p. 1103-1112, nov. 2010.

WANG, J.; IANNOTTI, R. J.; NANSEL, T. R. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. **J Adolesc Health**, New York, v. 45, n. 4, p. 368-375, oct. 2009.

WANG, J.; NANSEL, T. R.; IANNOTTI, R. J. Cyber and traditional bullying: differential association with depression. **J Adolesc Health**, New York, v. 48, n. 4, p. 415-417, apr. 2011.

WULKAN, M.; PARREIRA JUNIOR, J. G.; BOTTER, D. A., Epidemiologia do trauma facial. **Rev Assoc Med Bras**, São Paulo, v. 51, n. 5, p. 290-295, set./out. 2005.

APÊNDICE A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Pesquisa Científica: **BULLYING: PREVALÊNCIA, TIPOS E OCORRÊNCIA DE LESÕES MAXILOFACIAIS EM ESCOLARES DE 13 A 17 ANOS DE CAMPINA GRANDE-PB**
Pesquisadores: Jalber Almeida dos Santos, Alessandro Leite Cavalcanti

Prezado(a) Senhor(a),

As informações a seguir descreverão esta pesquisa e o papel que o escolar terá como participante.

A Universidade Estadual da Paraíba, através do Departamento de Odontologia, está fazendo uma pesquisa sobre a prevalência de violência entre os escolares da rede municipal de ensino de Campina Grande/PB. Nessa investigação científica, será aplicado um questionário com os escolares escolhidos por sorteio objetivando obter informações sobre o tema. A aplicação do questionário será feita na própria escola e não representa riscos nem desconforto para o participante. Lembramos que a participação do escolar é voluntária e que ele poderá recusar-se a participar ou interromper sua participação a qualquer momento sem nenhum constrangimento. Este estudo poderá contribuir como fonte de pesquisa, bem como poderá propiciar alguma mudança positiva na abordagem da violência relacionados aos escolares de maneira geral.

Os dados coletados por ocasião desta pesquisa serão organizados em instrumentos estatísticos como gráficos, tabelas e quadros, que poderão ser utilizados em congressos ou publicações científicas, inclusive com a utilização de fotos para ilustração, mas sempre com a omissão da identidade do escolar por ocasião da publicação dos resultados.

Atenciosamente,
A Coordenação da Pesquisa.

AUTORIZAÇÃO

Em vista dos esclarecimentos acima, declaro para devidos fins, que dou meu consentimento, de livre e espontânea vontade para a participação do escolar, _____, sob minha responsabilidade, na referida pesquisa.

Assinatura do Responsável

Em, ____ de _____ de 2010.

Qualquer dúvida ou esclarecimento a respeito desta pesquisa, entrar em contato com o examinador Jalber Almeida dos Santos, através do telefone: (83) 8899-6417.

APENDICE B – Questionário sobre *bullying*

Questionário sobre *bullying*

Caro(a), Aluno(a),

Gostaríamos de saber a sua opinião sobre um assunto de extrema importância para todos nós.

O *Bullying* é uma palavra de origem inglesa que representa todas aquelas situações desagradáveis e provocadas por um aluno contra outro, causando dor, tristeza ou humilhação. Preste bem atenção, para ser consideradas vítimas de *bullying* **as situações a seguir devem acontecer de forma repetitiva com a mesma pessoa.**

Como exemplos de *bullying* podemos citar as seguintes ações: apelidar, xingar, agredir (chutar, bater, empurrar, etc.), afastar ou isolar do grupo, roubar, tirar ou quebrar pertences (ex: lápis, dinheiro,...), assediar, discriminar e inventar histórias falsas sobre alguém, etc.

Por isso, **responda a este questionário com atenção.** Você não precisa se identificar e asseguramos que ninguém irá saber o que você respondeu, sendo muito importante que você responda com **sinceridade.**

Identificação do aluno

Escola: _____ n°: _____

Gênero: () Masculino () Feminino

Idade (anos): () 13 () 14 () 15 () 16 () 17

Ano escolar: () 6° ano () 7° ano () 8° ano () 9° ano

Turno: () Manhã () Tarde Data: ___/___/____

1) Quantos bons amigos você tem na **sua turma?** (Marque **apenas uma** resposta)

- a. Nenhum.
- b. um bom amigo
- c. 2 ou 3 bons amigos
- d. 4 ou 5 bons amigos
- e. mais de 5 bons amigos

2) Com que frequência você tem sido vítima de *Bullying* na escola **nesse ano?** (Marque **apenas uma** resposta)

- a. Não sofri *Bullying* na escola nesse ano (**Se você optou por este item, não há necessidade de continuar respondendo ao questionário**).
- b. Só 1 ou 2 vezes
- c. De 3 a 6 vezes
- d. Uma vez por semana
- e. Várias vezes por semana

3) De que maneira você sofreu *Bullying* na escola nesse o ano? (Marque **uma ou mais** respostas)

- a. Me empurraram, chutaram e bateram.
- b. Me ameaçaram.
- c. Me colocaram apelidos, xingaram ou riram de mim.
- d. Estragaram ou pegaram minhas coisas ou meu dinheiro.
- e. Me xingaram e insultaram por causa da minha cor ou raça.
- f. Não me deixaram conversar, ficar junto ou brincar com outros colegas.
- g. Contaram mentiras ou fizeram fofoca a meu respeito e tentaram fazer com que outras pessoas não gostassem de mim.
- h. Outras formas. Diga como: _____

4) Por quanto tempo você tem sido vítima de *Bullying* na escola nesse ano? (Marque **apenas uma** resposta)

- a. Duraram uma semana
- b. Duraram várias semanas
- c. Durante todo este ano
- d. Há vários anos

5) Você costuma sofrer *Bullying* na escola por um ou por vários colegas? (Marque **apenas uma** resposta)

- a. Principalmente por 1 colega
- b. Por 2 - 3 colegas
- c. Por 4 - 9 colegas
- d. Por mais de 9 colegas
- e. Não posso dizer quantos

6) Você costuma sofrer *Bullying* praticado por meninos ou por meninas? (Marque **apenas uma** resposta)

- a. Só por meninos
- b. Principalmente por meninos
- c. Tanto por meninos como por meninas
- d. Principalmente por meninas
- e. Só por meninas

7) Como você se sentiu quando sofreu *bullying* na escola nesse ano? (Marque **uma ou mais** resposta)

- a. Não me incomodou
- b. Fiquei preocupado sobre o que os outros pensaram de mim
- c. Fiquei assustado
- d. Fiquei mal
- e. Fiquei com raiva
- f. Fiquei com medo
- g. Não queria mais ir para escola
- h. Outra forma: Por favor diga como: _____

8) O que você fez quando sofreu *bullying* na escola nesse ano? (Marque **uma ou mais** respostas)

- a. Eu chorei
- b. Eu fugi
- c. Não dei atenção, ignorei
- d. Pedi que parassem
- e. Pedi ajuda a um adulto (professor, coordenador, etc...)
- f. Eu me defendi
- g. Fiz outra coisa: Explique: _____

9) Você contou a alguém que sofreu *bullying* nesse ano? (Marque **uma ou mais** respostas)

- a. Não falei com ninguém
- b. Falei com o diretor, professor ou outro funcionário
- c. Falei com meus pais ou responsáveis
- d. Falei com meus irmãos ou irmãs
- e. Falei com meus amigos ou colegas
- f. Outros. Por favor, diga com quem: _____

10) Algum dos seus professores tentou impedir que você sofresse *bullying* na escola nesse ano? (Marque **apenas uma** resposta)

- a. Não, porque eles não sabiam que eu estava sofrendo *bullying*
- b. Não, eles não tentaram nada
- c. Sim, alguns deles tentaram me ajudar, mas piorou
- d. Sim, eles tentaram, mas continuou a acontecer
- e. Sim, eles tentaram, e diminuiu
- f. Sim, eles tentaram e não aconteceu mais

11) Alguém da sua família tentou impedir que você sofresse *bullying* na escola nesse ano? (Marque **apenas uma** resposta)

- a. Não, porque eles não sabiam que eu estava sofrendo *bullying*
- b. Não, eles não tentaram nada
- c. Sim, alguns deles tentaram me ajudar, mas piorou
- d. Sim, eles tentaram, mas continuou a acontecer
- e. Sim, eles tentaram, e diminuiu
- f. Sim, eles tentaram e não aconteceu mais

12) Algum dos seus colegas tentou impedir que você sofresse *bullying* na escola nesse ano? (Marque **apenas uma** resposta)

- a. Não, porque eles não sabiam que eu estava sofrendo *bullying*
- b. Não, eles não tentaram nada
- c. Sim, alguns deles tentaram me ajudar, mas piorou
- d. Sim, eles tentaram, mas continuou a acontecer
- e. Sim, eles tentaram, e diminuiu
- f. Sim, eles tentaram e não aconteceu mais

APÊNDICE C – Modelo do formulário sobre lesões maxilofaciais

1. Local do Corpo Atingido

Cabeça Face Pescoço Outra região

2. Formas de agressão

Empurrões Soco(s)/Tapa(s) Chutes Arma branca
 Arma de Fogo Outra: _____

3. Presença de lesão na cavidade oral

Sim Não

4. Presença de lesão no tecido mole

Sim Não

5. Local de lesão no tecido mole

bochecha língua mucosa alveolar lábio Inferior lábio superior
 soalho bucal palato Outro

6. Fratura óssea

Sim Não

7. Fratura dentária

Sim Não

ANEXO A – Parecer do comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEPB.

| Título do Projeto de Pesquisa | | | | |
|---|----------------------------|--------------------------|------------------------------|----------------------------|
| PREVALÊNCIA DE BULLYING EM ESCOLARES DE 12 A 17 ANOS DE IDADE NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE/PB E SUA RELAÇÃO COM LESÕES NO COMPLEXO MAXILOFACIAL | | | | |
| Situação | Data Inicial no CEP | Data Final no CEP | Data Inicial na CONEP | Data Final na CONEP |
| Aprovado no CEP | 19/02/2010 11:46:26 | 23/11/2010 09:31:54 | | |
| Descrição | Data | Documento | Nº do Doc | Origem |
| 1 - Envio da Folha de Rosto pela Internet | 05/02/2010 10:27:57 | Folha de Rosto | FR316747 | Pesquisador |
| 3 - Recebimento de Protocolo pelo CEP (Check-List) | 19/02/2010 11:46:26 | Folha de Rosto | 0009.0.133.000-10 | CEP |
| 2 - Recebimento de Protocolo pelo CEP (Check-List) | 19/02/2010 11:46:23 | Folha de Rosto | 0008.0.133.000-10 | CEP |
| 4 - Protocolo Aprovado no CEP | 23/11/2010 09:31:54 | Folha de Rosto | 0009.0.133.000-10 | CEP |